

retangulina

edição 01

brasília, distrito federal

boneca virtual

qui qui qui, 08 de agosto

Uma boneca gráfica é um protótipo físico (neste caso, virtual) de um projeto editorial. Serve para testar o formato, a ordem das páginas, as tonalidades e as escolhas de diagramação, evitando erros antes da publicação final e dando uma última chance para autores indecisos e para o processo de edição e impressão em si.

A memória é uma ilha de edição

Wally Salomão

Editores são cupidos incorrigíveis, são cartomantes frustradas. Preparamos dezoito flechas e estamos prontos para lançá-las aos quatro cantos. Começamos, então, por nosso retângulo candango. Dona Retangulina deu sinal na BR-060 e pegou carona com a *feira qui qui qui*, que em sua 3ª edição recebe a estreia deste bebê alado que vos escreve. Uma revista virtual começa com uma boneca virtual. O que você vê aqui é o protótipo da coisa, o bastidor do site. Um bebê reborn antes do parto real. Aqui está a prova cabal do trabalho de tantos meses e a reunião das diferentes vozes, poéticas e formas de registro que compõem nosso nascimento.

Escrever nem sempre soa como uma escolha consciente, mas publicar, sim. Quando um texto deixa uma gaveta, um documento no Word ou uma pasta no Google Drive e chega até os olhos de nós, editores, é porque há ali uma vontade de ser arte; de ser algo público, compartilhado. Os textos da **edição inaugural da Retangulina** criaram um eixo conceitual por conta própria. Nosso trabalho então foi até que simples: reuni-los. As primeiras autorias publicadas por nós formam uma composição que atesta como a literatura é, talvez antes de tudo, uma forma de registro. *São as diferentes formas de inscrever e registrar* um acontecimento, uma ideia, uma sequência de imagens, uma oralidade, uma história ou até mesmo um aspecto d'a história que estabelece o fio condutor formal da primeira edição da Retangulina. Do diálogo entre duas senhoras na calçada à gama de referências brasileiras; da concisão poética ao maximalismo de jargões em primeira pessoa; da redocumentação histórica sáfica às sinusites; das cidades que moramos às viagens que fazemos; das anotações de estudos à mímica animal; do cibercultura à prosa ficcional límpida e consagrada: os personagens, vozes e temas aqui encontrados nos fazem lembrar o porquê da ficção, o porquê da poesia. O porquê de se criar uma nova revista literária, apesar de tudo.



autorias

Dan
Marianna Borges
Matheus Sette
Anabi
Maíra Valério
Ítalo Wolff
Jade Luísa
Alexandre Arbex
Flávio Morgado
CoCo
Nadja Rodrigues de Oliveira
Fred Gondim
Clarice Lima
Gaia Abulquerque
Alexandre Duim
Victor Cruzeiro
João Versiani

editores

Cristiano Moutella
Gabriel Pagliuso
Lenio Carneiro Jr.

001_

a história de ginevra (1906)

dan

A mãe tem nas mãos um terço de pérolas. Ela está em pé, cercada pelos cinco filhos homens. Não chora, não pisca e por baixo do véu olha para o corpo do morto. Todos vestem preto, inclusive Ginevra, que chega com o filho no colo. O marido não pôde vir. A filha mulher abraça a mãe, que não retribui. Nenhuma diz nada. Ela manda que o filho tome a bênção da avó, estica a mãozinha do bebê em direção à velha, que não se move. Ginevra, agora, abraça cada um dos irmãos, sempre cochichando no ouvido do abraçado que têm que pagar a morte com o corpo do pai ainda quente. Todos, cada um a seu modo, concordam com a irmã mais velha, mas sem esquecer que ela é a renegada mulher de baiano que o pai amaldiçoou em vida. Donato está febril, ninguém percebe.

Dois meses depois

A porteira da fazenda está trancada a cadeado. Ginevra terá que entrar pela cerca. Donato tosse em seu colo. Ela se abaixa, prende um fio no superior, o outro no inferior. Abraça o filho, o menino está quente, passa a perna direita entre os arames, depois o tronco, com o filho grudado nele, e por último a perna esquerda. As costas ardem: se cortou no arame farpado. Donato tosse.

A sede está lá embaixo, talvez a cinco minutos de caminhada. É até possível ver o contorno da construção grande e branca, mas não os detalhes como as vigas de pau-brasil que sustentam o telhado na varanda ou as cerejeiras que adornam o jardim. O sol está se pondo, o frio traz consigo uma névoa densa, de dentro da qual saem dois mastins napolitanos correndo, babando e latindo. Por reflexo, Ginevra ergue o filho, mas não diminui os passos. Os cães param diante dela, rosnando. Ela desvia deles e continua. O rosnado cessa. Um dos animais, o maior deles, se aproxima e cheira a bunda da invasora. Depois disso, em silêncio, caminham lado a lado, até chegar à escada na frente da casa.

Lá em cima, na varanda, Dom Agostino Gallina segura uma espingarda.

Enquanto dá tapinhas nas costas do filho, terapia ineficaz para a crise de tosse, Ginevra pede perdão a Dom Agostino pelo adiantado da hora. Ela diz que havia planejado por dias a respeitosa visita, e aí o menino decidiu adoecer, mas que não poderia deixar de vir, mesmo em condições adversas, porque amanhã logo cedo partiria para São Paulo, tentar recomeçar por lá, sem tanta *disgrazia*. Dom Agostino não a convida a subir os degraus, tampouco tira as mãos da arma. Ginevra agora fala da dor de perder um pai e depois um irmão, diz que mesmo enlutada presta as suas mais sinceras condolências, pois sabe que Dom Agostino sofre ainda mais, com a inominável dor de enterrar dois filhos em tão curto espaço de tempo. Essa maldição corre em nosso sangue, grossa, dentro das veias, veio conosco nos navios e depois passou de pai para filho para neto para bisneto, e assim para sempre será, se ninguém der um passo atrás, e eu, Deus me livre, não quero que isso chegue — Donato tosse — ao pobre pequenino, e por isso, Dom, por isso estou aqui. Dom Agostino não a convida a subir, tampouco tira as mãos da arma. Ginevra continua: é hoje,

com todo o respeito, sob a bênção de Santa Luzia, venho lhe pedir, ou melhor, implorar, que compre nossa terra ao preço que quiser pagar. O velho a encara por alguns segundos e com um leve movimento na espingarda convida a visitante a subir os degraus. Donato tosse. Ginevra vai até Dom Agostino, ele abaixa a arma, ela se ajoelha e beija com desespero a mão gorda e peluda do fazendeiro. Ele quase ri antes de mandar que a mulher se levante. Quando ela enfim obedece, ele abre a porta da casa e manda que se sente no sofá. Dois minutos depois, a terra está vendida a um terço do que vale e Agostino tem nas mãos um papel amassado e velho que Ginevra entregou. A *signora* Gallina se aproxima logo depois do aperto de mãos que selou o negócio, pede licença, *questo bambino* está tossindo demais, tadinho, tem que cuidar. Ginevra diz que já tem dois meses que ele tosse sem parar, não sabe mais o que fazer. Senhora Gallina fala de um unguento ótimo para o pulmão e pede que Ginevra a acompanhe. Entram no quarto de hóspedes, a velha pede que a mãe coloque o bebê na cama. O neném está deitado com a barriga para cima, fervendo. A velha faz um barulhinho com a boca, o neném ri tossindo, ela canta, numa melodia escrota, que vai abrir a roupinha, pinha, pinha, para passar um remedinho, dinho, dinho, que o neném vai ficar bom, bom, bom, e enquanto fala e canta e entretém o menino, ela já abriu a roupa e a lata e pegou um pouco do unguento com o dedo mindinho e esfregou bem forte nas duas mãos enrugadas, o cheiro de cânfora e eucalipto empestecendo o quarto, e sem parar o teatro infantil a velha agora toca as costelas do bebê com as mãos besuntadas e faz movimentos circulares enquanto canta em latim. O neném ri sem dentes. A senhora repete esse procedimento uma, duas, cinquenta vezes. Ginevra está enjoada por causa do cheiro, mas não pede para parar, pois desde que começaram a criança não tossiu mais. Quando, enfim, a velha dá por encerrado o tratamento, já é noite alta e os três voltam para a sala.

com todo o respeito, sob a bênção de Santa Luzia, venho lhe pedir, ou melhor, implorar, que compre nossa terra ao preço que quiser pagar. O velho a encara por alguns segundos e com um leve movimento na espingarda convida a visitante a subir os degraus. Donato tosse. Ginevra vai até Dom Agostino, ele abaixa a arma, ela se ajoelha e beija com desespero a mão gorda e peluda do fazendeiro. Ele quase ri antes de mandar que a mulher se levante. Quando ela enfim obedece, ele abre a porta da casa e manda que se sente no sofá. Dois minutos depois, a terra está vendida a um terço do que vale e Agostino tem nas mãos um papel amassado e velho que Ginevra entregou. A *signora* Gallina se aproxima logo depois do aperto de mãos que selou o negócio, pede licença, *questo bambino* está tossindo demais, tadinho, tem que cuidar. Ginevra diz que já tem dois meses que ele tosse sem parar, não sabe mais o que fazer. Senhora Gallina fala de um unguento ótimo para o pulmão e pede que Ginevra a acompanhe. Entram no quarto de hóspedes, a velha pede que a mãe coloque o bebê na cama. O neném está deitado com a barriga para cima, fervendo. A velha faz um barulhinho com a boca, o neném ri tossindo, ela canta, numa melodia escrota, que vai abrir a roupinha, pinha, pinha, para passar um remedinho, dinho, dinho, que o neném vai ficar bom, bom, bom, e enquanto fala e canta e entretém o menino, ela já abriu a roupa e a lata e pegou um pouco do unguento com o dedo mindinho e esfregou bem forte nas duas mãos enrugadas, o cheiro de cânfora e eucalipto empestecendo o quarto, e sem parar o teatro infantil a velha agora toca as costelas do bebê com as mãos besuntadas e faz movimentos circulares enquanto canta em latim. O neném ri sem dentes. A senhora repete esse procedimento uma, duas, cinquenta vezes. Ginevra está enjoada por causa do cheiro, mas não pede para parar, pois desde que começaram a criança não tossiu mais. Quando, enfim, a velha dá por encerrado o tratamento, já é noite alta e os três voltam para a sala.

Dom Agostino toma um conhaque próximo ao gramofone. Na mesinha ao lado, o documento de posse da terra que mais cedo recebeu de Ginevra. Ela vai até ele, ajoelha a seus pés, Donatinho no colo, agradece o negócio, beija a mão do anfitrião, agradece outra vez, Santa Luzia abençoará toda essa família, e a senhora também, suas mãos santas tiraram a tosse desse pobre menino, ela diz, que Deus abençoe, e quando caminha em direção à porta a velha diz não, não, estás louca, nesse frio, não, o menino não aguenta, dorme aqui, e Ginevra diz que não pode dar esse trabalho, que trouxe a mantinha para proteger Donato do frio pois já imaginava que voltaria tarde, mas a velha diz não estou pedindo, os filhos estão todos na cidade, vocês dormirão aqui, sim, inclusive, conforme for, caso o *piccolo* volte a tossir, faço outro tratamento na madrugada, e então Ginevra olha para Agostino, buscando entender se ele está de acordo com aquela ordem, e, como ele não diz nada, ela acredita que sim, e então olha para a senhora Gallina e diz, que Santa Luzia cubra a senhora e a toda a sua família com seu manto de paz, são pessoas muito boas, muito boas. Donato boceja.

Algumas horas depois

Dos quatro irmãos convocados, apenas Orazio esteve na hora e lugar certos. Família.

Apeou do cavalo, entrou na mata conduzindo o animal, abriu espaço entre os arbustos com o corpo, seguiu adiante, amarrou o bicho em uma árvore. Voltou pela trilha recém pisada, caminhou até a porteira, pulou sem dificuldades a cerca de arame farpado e dirigiu-se à sede não pela pista, mas margeando a mata à esquerda.

Viu, ainda de longe, que todas as portas e janelas da casa estavam abertas, balançando ao vento. Sacou o revólver 32, engatilhou a arma, apressou o passo. Entrou na casa pela cozinha, pisando leve, de arma em punho. Tudo normal, exceto o silêncio, que de tão absoluto funcionava ao contrário, como um ruído permanente, alto. Da cozinha foi à copa, normal. A copa dava para a sala, grande, cheia de móveis pesados, lustrados, tapetes, castiçais, louças dentro da cristaleira, piano, gramofone. Orazio seguiu para o corredor dos quartos, sentiu a boca seca. Abriu o primeiro, vazio, cama arrumada, leve cheiro de cânfora. O segundo quarto, limpo, vazio, normal. Quando tocou a maçaneta ouviu um estrondo brutal. No susto, se abaixou. O revólver quase cai. Se recompõe, aperta com mais força o cabo da arma, o indicador agora roça o gatilho, empurra a porta com uma mão, enquanto a outra aponta o revólver na direção do peito de um possível inimigo, mas dentro do quarto não há nada, só mesmo o vento que bateu a janela de madeira, para fazer troça e mostrar quem é que manda. Antes de se acalmar, notou que já não havia silêncio, mas um zumbido de abelhas, muito, muito alto, como uma cachoeira. Quando entra no último quarto, do casal, encontra a irmã e o sobrinho.

Ginevra sentada na cadeira de balanço, Donato dorme em seu colo, boca grudada no seio. A blusa branca, o colo branco, o bebê branco, o mamilo rosa e o lábio rosa do neném: tudo pintado em sangue seco vermelho-marrom. Ginevra não responde ao chamado do irmão, parece que nem escuta. Mantém os olhos fixos na cama de casal onde estão deitados Dom Agostino e Senhora Gallina, os dois com os olhos perfurados, as gargantas abertas, as vísceras para fora da barriga. O lençol preto que flutua a meio caminho do teto é a nuvem de moscas, abelhas, não, que canta alto e sem parar, mas o barulho não atrapalha o sono tranquilo dos dois cães enormes que descansam aos pés de Ginevra.

Ginevra, meu Deus, Ginevra...

Passou, ela disse.

Passou? Ginevra, minha Santa Luzia, olha para mim, Ginevra, você... Passou, passou, passou.

Passou o quê, filha de Deus? Passou o quê?

A tosse. A tosse passou.

002_

alguma absolvição

marianna
borges

alguma absolvição

marianna borges

TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO DA INQUISIÇÃO. VISITA EPISCOPAL AO CONVENTO DE SANTA CLARA DO DESTERRO. ANNO DOMINI DE NOSSO SENHOR IESU CHRISTO DE MIL SEISCENTOS E OITENTA E NOVE AOS QUINZE DIAS DO MÊS DE FEVEREIRO DO DITTO ANNO NESTA CIDADE DE SÃO SALVADOR DA BAHIA.

Autos remetidos pela Mesa do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, por se haver levantado suspeição contra as religiosas Sórora Filipa de Sousa e Sórora Joana Inês da Cruz, ordenadas clarissas no Convento de Santa Clara do Desterro, em denúncia por monitório, por terem se entregado a práticas reputadas devassas e hereges, em afronta ao decoro conventual, e passíveis de condenação.

DA DENÚNCIA

A denúncia foi submetida pela Reverendíssima Madre Superiora Maria Assunta Paz dos Santos, que a este Tribunal Inquisitorial remeteu longa e minuciosa carta em explanação aos vícios praticados pelas irmãs acima mencionadas, que, segundo a reverenda denunciante, incorreram nas práticas de tribadismo, pecados contra natura próprios das chamadas fricatrices, que incidem no vício de sodomia foeminarum, a paixão infame.

Relata a Reverendíssima que as irmãs participavam adequadamente da rotina das tarefas e atribuições cotidianas do convento. No entanto, irmã Filipa costumava ter desmaios e desfalecimentos repentinos durante os afazeres no jardim, por sofrer excessivamente com o calor e as altas temperaturas, mostrando-se mais suscetível a acessos de fraqueza e debilidade do que as demais irmãs. Por esse motivo, a reverenda Madre a realocou para os labores na lavanderia do convento, tidos por menos ásperos e mais condizentes com sua limitada resistência corporal.

Nesse ínterim, já exercia irmã Joana o posto de encarregada dos trabalhos da lavanderia do convento. Sórora Joana desempenhava com impecável zelo o trato da agigantada demanda de lavagem e asseio das peças destinadas à boa manutenção dos aposentos: lençóis, fronhas, toalhas, véus, escapulários, túnicas, batas, linhos, e demais fazendas de uso comum. Ocorre que, após poucas semanas da incorporação de irmã Filipa nos trabalhos da lavanderia, interrompeu-se o ritmo da limpeza das ditas fazendas, o que a Reverendíssima Madre de pronto associou à debilidade da recém integrada irmã. Assim, em admoestação verbal, alertou irmã Joana sobre as demoras excessivas nas lavagens e que esta não incorresse em atitudes indulgentes e quaisquer branduras no trato com irmã Filipa.

Não advindo qualquer progresso quanto à retomada do ritmo de trabalho ordinário da lavanderia, a Reverendíssima Madre determinou que ambas as religiosas fossem submetidas a trabalhos prolongados, recolhidas por largas horas aos estreitos domínios da lavanderia, para que dessem conta do crescente número de tecidos e fazendas que acumulavam à espera de asseio. Decorridas mais três semanas da punição, sem melhora dos resultados da penitência, resolveu a mesma Reverendíssima, movida por

capricho e revolta, proceder pessoalmente à verificação das causas daquele persistente desalinho.

Para seu terrível assombro, surpreendeu-se a Reverendíssima ao flagrar as duas irmãs reclinadas sobre uma vasta montanha de alvíssimos lençóis exalando perfume de lavanda fresca, despidas de suas batas religiosas, a friccionar seus corpos um contra o outro envolvidas por suspiros e murmúrios leves e abafados, seguidos por fugazes risadas e cochichos. Segundo seu relato, a reverenda sentiu um odor curioso, com notas almiscaradas e telúricas, e as irmãs pareciam envolvidas num leve vapor de fumaça.

Com um grito, findou a Reverendíssima o alvoroço e as irmãs, que vestiram com pressa seus hábitos sagrados, foram recolhidas à clausura e lá permanecem até a prolação da presente sentença.

DA SENTENÇA

As acusadas, ouvidas separadamente, mostraram-se constantes, serenas e de boa consciência, afirmando nunca ter praticado obras contra a honestidade, tendo mantido entre si apenas amizade devota, conforme convém ao estado religioso.

Cumprе destacar que foram remetidas a este Tribunal do Santo Ofício da Inquisição provas que desabonam a conduta de Sua Reverendíssima Madre Superiora, Sórор Maria Assunta Paz dos Santos. Constatou-se, em seus aposentos, volumosa quantidade da substância vulgarmente denominada “fumo de Angola”, a qual se sabe ser cultivada pelos nativos de África, empregados nas hortas e plantações circunvizinhas ao convento, e reputada capaz de produzir estados de torpor da consciência e visões delirantes. À luz destes fatos, não é possível conferir plena credibilidade à denúncia por ela formulada contra as religiosas, tendo em vista que

Sua Reverendíssima fazia uso habitual da mencionada substância, podendo, em virtude de seus efeitos, ter difundido imprecisas ou fantasiosas alegações acerca do suposto comportamento das irmãs Filipa de Sousa e Joana Inês da Cruz.

Desta feita, procedidos os ritos de praxe, concluo que se encontram nos autos apenas rumores, não podendo os fatos contidos na denúncia ser comprovados por notória suspeita da idoneidade da denunciante. Portanto, pela inexistência de provas, absolvo as rés nos termos abaixo e determino o arquivamento dos autos em definitivo.

Assim, declaro:

- I. Inexistir evidência contra as ditas Sórora Filipa de Sousa e Sórora Joana Inês da Cruz.
- II. Absolvidas as rés da acusação referente aos supostos vícios de tribadismo, quaisquer práticas de fricatrices e sodomia foeminarum.
- III. Sejam os autos lançados ao arquivo, para memória futura, e advertidas as demais religiosas de não fomentar dissensões ou levantar falsas suspeições que perturbem a paz do claustro.
- IV. Restitua-se às absolvidas a boa fama, pela honra sagrada de seu hábito. E, pela integridade deste Santo Ofício, pague-se as custas a denunciante confitente que incorreu em falsa denúncia.

Bispo Dom Pedro Freitas
Arquidiocese da Bahia

003_
presa

matheus
sette

presa

matheus sette

movia-se sem pressa
aproximando-se conforme
o sopro calmo do vento
imitando o andar quieto
dos murmúrios da mata

parda a carapaça reluzente
pardos os olhos famintos as presas
negro seu hálito
sedutor de fera

detinha-se
tentadora qual convite
o rugido quase inaudível
devorava-me antes mesmo do bote
como se à espera
da entrega voluntária da caça

esvaziado meu peito
hesito
perante a iminência do golpe
logo firmo meu passo
em sua direção

de nada servem as grades
da jaula separando
das garras o coração
ainda em pulso

004_

redário

anabi

1. é mais difícil escrever deitada na rede: a rede como objeto-impedidor da digitação: dos impedidores, das muitas formas possíveis do corpo ao digitar: a criação de novas posturas escritoras. a dispersão e a vontade antecede a concentração: devo assistir ao filme, devo pensar no que devo pensar e sistematizar o que há de ser sistematizado. no pra fora disso forma-se esse sentido do tempo, isso que logo se esvai e não sei ao certo o que leva e o que traz pro texto. escrever volta sempre à essa procura pela elaboração ou pela fabulação, mas acaba por se distrair com o som da palavra, com o seu desenho, com o ritmo impreciso e tolo da digitação.

2. o aquecimento que antecede as palavras que devem ser ditas: dentre todas as suas vizinhas que compõem a distração: o que há de ser retirado do texto, da fala, da aula. trabalho com a quebra das coisas, com a má utilização das coisas, com a má curadoria de palavras e com a bagunça da ordem das palavras numa frase, num parágrafo, num livro: com a bagunça da leitura. ficam, então, os impedidores de leitura. pequenos objetos que distraem. objetos coloridos que encantam tão mais os olhos do que as palavras pretas sobre o fundo branco - ou creme, do papel pólen. encanto esse dos belos objetos, encanto esse das mãos grandes-gigantes: as palavras

e desenhos que eu joguei fora. irei resgatar de algum jeito, essa tal prática. essa tal prática das mãos. de pensar sobre as mãos, como pensam marília e godard. tenho de delimitar, de certo modo, as palavras que serão ditas na terça-feira: as referências, as informações, os conceitos, os materiais. antes, segunda, devo ter escrito o texto, ao menos em forma de computador, pra depois virar livro. a delimitação não é inteiriça: não nos interessa o é-da-coisa burocrática, o fim, o tempo despendido: nos interessa perder tempo, gastá-lo. sem tempo pra fazer e pensar e distrair, não há objeto. lembrar das palavras. lembrar do assunto, do problema: do que nele pulula: essas cores, esses objetos que impedem a leitura. mais bonitos que as palavras. tudo pode se misturar, ou quase tudo, em meio aos fazeres que em presente momento me cercam: um apaixonamento pelo lugar comum, colorido, o objeto de curiosidade onde leo guarda seus amores.

3. não lembro em quais meses li o grande sertão, há uma década. vou me reaproximando dele, trazendo-o para o colo, para a cabeceira, para a mesinha de estudar. o marcador de texto que minha avó me deu mora nele. "a cada instante o amor misericordioso me renova e purifica", diz ele. preparo o reencontro com esse texto - e mais - o mergulho, me fazer dentro dele, envolta por ele.

4. *what is the shape of this problem?* pergunta o livro de tecido de bourgeois.

5. hoje é segunda-feira e volto a escrever. preciso me refamiliarizar com a escrita e é num direcionamento melhor-apontado que ela deve se dar: na comparação entre autores, obras, métodos, na compreensão dos procedimentos formais, numa grandeza de importância que me é rara. que eu aprendo a construir. hoje é um

dia cheio. muito é feito com pouca pausa. essa é, portanto, a pausa. a atividade estética inútil, a bobagem. escrevo porque preciso exercitar a memória e a palavra. têm sido escassas as continuidades quanto à prática da rememoração. carrego um planner já delimitado com linhas e desenhos, campos de organização e não mais utilizo os caderninhos, não mais –

aqui fui interrompida pelo tempo: preciso voltar a ler guimarães rosa: é sempre isso: um não-estar-fazendo nocivo, difícil, confuso pro corpo. a língua espanhola é ainda sua e tudo leva pra lá: eu deixo que leve. era tão grande o (bom) estranhamento / acho que não entramos na instalação dos espelhos, nos distraímos nos adesivos de bolinhas. não lembro se vimos os quadros, o que mais fizemos. cheguei em casa e havia uma bolinha azul embaixo do meu umbigo. ela sorria pra mim, me contava de como o reapaixonamento é quase acumulatório: vão se somando amores e agora eu sei amar um pouco mais. tudo era numa grandeza. nessa grandeza de reflexo, sonho; das coisas mais perversas e inúteis para platão. você falava muitas línguas. ouço a língua espanhola e logo me alembro dos pilotis: você deitava despreocupado: a espontaneidade me aprazia. era muito feliz em nossos breves encontros. hoje estou em outro tempo e ainda não dei conta de começar a escrever sobre ele.

6. escrevo, primeiramente, por uma necessidade de movimentar os dedos: de reproduzir esse mecanismo de invenção das palavras pelos dedos, pelo tato, no que se sente no corpo: em suas extremidades. quando tudo é incerto e a mente entra em estado compulsivo de repetição, as imagens só podem ser exauridas

na escrita: talvez seja esse um método de exorcizar a memória. ando em desacordo com as preposições e não sei mais o que é o quê de-no-em. joyce passeia em tempo confuso que é a cabeça observadora de uma criança, pelas lembranças de stephen, assim como miguilim, que se demora um pouco mais em cada sentimento. remói. escrevo essa palavra pela primeira vez. tento me aperfeiçoar na descrição de cada fragmento e na descrição de cada sensação vivida-em-tempo, produzido pelas imagens. quiçá um dia as palavras serão organizadas numa diagramação confusa, onde se criarão códigos impedidores de leitura, onde se fará necessário jogar com o que se lê. enquanto isso reescrevo os fragmentos para exauri-los. escrevo essa palavra pela primeira vez. escrevo porque ler me dá vontade de escrever, escrevo sobre o que se repete em desgaste, sobre o que não faz jus às obediências dos desejos e por isso segue sendo desejo: do que há de possivelmente ser.

7. reorganizo o pensamento: em um pequeno fragmento, vemos um esquema de cores espacializado em uma grande sala branca, de parede rugosa: as mãos vividas e compreendidas sabem bem escolher os materiais-de-uso e as cores: ralph equilibra restos para fazer compensados: materiais que entendo como nobres. as telas são jogos. ajuntamentos que pensam a pintura.

8. o que acontece em um caso desses é a tentativa de ceifar essa coisa confusa e disforme que existe (e é real) mas que não deveria. ela não morre por não poder existir, ela, miúda, se instala numa vértebra e ao invés de trabalhar, escrevo. ao invés de trabalhar, imagino. quando o tédio é muito forte, volto nos melhores fragmentos. nos que mais me aprazem. talvez seja essa a questão central desse problema: o prazer.

005_

onde está
ana paula arósio?

maíra
valério

onde está ana paula arósio?
maíra valério

os dedos alisavam o corrimão dourado
enquanto ela caminhava
sobre um tapete vermelho como
se estivesse, assim,
deslizando
feito nuvem em dia de sol,
ensolarada também,
feito um sonho
(porque era, de fato,
um sonho
encontrá-la nesse prédio antigo, opulento,
labiríntico,
de portas no chão, janelas no teto
finais que não tinham começos)

então eu dizia *meu deus*,
ela lembra tanto a sherilyn fenn
rosto de maçã e olhos
igualmente lânguidos, cuspiendo força e fúria
mas condenados à própria beleza
you want a piece of me?, cantava
a britney
que hoje rodopia erguendo facas

you want a piece of me?, sugeria
a maçã
da branca de neve
da sherilyn fenn
e da ana paula arósio

penso em você, ana paula,
mais do que você imagina,
mas você nem imagina, pois não sabe
quem eu sou
(e tudo o que aprendi sobre
a sua vida
li nas revistas, assisti na *tevé*,
rolei os dedos como uma máquina
a engolir retalhos pelas redes sociais:
uma atriz, modelo e objeto de desejo que fez
tanto e sumiu
de modo mais elegante que stephen fry,
mais calculado que belchior)

como pode uma ausência ser tão
presente?
a fama, sim, é um cão dos diabos
e olha que há pouco tempo nem tinha
câmera no bolso e chuva de disparos
hoje, ainda por cima, diriam
que, na verdade, você talvez não fosse lá
tão bonita
(no *zoom* em *ultra hd*, a denúncia:
todo mundo tem poros
e problemas
até mesmo ana paula arósio)

*at the end of the day, everyone wants
a piece
of each other*
high and low, dizem as vítimas da moda,
é o último grito
o suicídio também é tendência
disso quase ninguém fala
uma atriz vaporosa é mais relevante
afinal, para a mulher, como pode existir algo mais
do que a beleza?
como pode ana paula sumir e não nos deixar
amá-la
para então
massacrá-la
tipo britney careca, perdendo os filhos
e erguendo facas?

tudo o que penso sobre você, ana paula
sou eu
tudo o que sei sobre você, ana paula
sou eu
pensando em você
pensando em todas
as mulheres do mundo

olho para você, olhando para mim mesma, como
se eu fosse você
sendo observada
quebro o espelho
mas os sussurros de john berger continuam
o sangue é mais doce nos sonhos
miro meu reflexo nos estilhaços
e o que vejo são seus dedos
cortando uma maçã com uma faca

006_

poema eletrônico

ítalo
wolff

Eu encontrei um emprego e dei um jeito de tirar as folgas com Patrícia. Ela dizia que não era justo, pois eu trabalhava oito horas durante a madrugada: deviam pagar mais, ninguém quer a madrugada, ela dizia.

Essas coisas são assim mesmo, eu falava para ela. Patrícia vendia cosméticos durante o dia e – além dos jantares, que mal davam para nada – nos víamos apenas nos finais de semana.

Um escorpião de fogo antigamente. Ela chegava da rua, quanto mais cheia a bolsa, mais nervosa. Se visse uma cadeira fora do lugar, arremessava um cosmético que não conseguira vender no trabalho. O xampu que me jogou abriu o supercílio; tenho a cicatriz até hoje. Pensa que ela teve remorso? Eu tateando meu caminho para fora de casa e ela despejando tudo em cima de mim. Queria que eu fosse às reuniões de alcoólatras. Ela tinha ido e olha como estava. Preferi achar um trabalho.

Esse empreguinho besta, porteiro de prédio de rico, foi o suficiente para contentá-la. Eu só tinha de receber encomenda, descarregar compra, dar boa noite, ajudar as velhas, e não barrar ninguém. Essa era a parte difícil; tinha gente que merecia ficar de fora, mas aprendi com Érico, o segurança do prédio, que persistir no caminho difícil pode render uma recompensa no final.

Agora, todo mês Patrícia me dava um presentinho: perfume, loção, creme. Não brigávamos mais. Eu conseguia esperar até às dez para começar a beber e nos finais de semana dizia que umas cervejinhas de vez em quando não faziam mal.

Ela parou de brigar contigo porque está com saudade, palpitou Érico. Você tem que deixar com saudades às vezes.

Olha, não estou parecendo uma boneca?, eu falei desmunhecando. Tinha acabado de passar um esmalte sem cor que Patrícia me dera. Érico me olhou, riu e balançou a cabeça em reprovação, e voltou ao celular. Eu ficava na guarita, de frente para os monitores das câmeras de segurança. Érico ficava uns dez metros atrás, ao lado da porta do saguão.

Quando minhas unhas já estavam quase secas, abri a mochila com cuidado e peguei a caixa de suco de pêssego batizado com vodka que trouxe de casa. Pelo monitor, vi a moradora do mil e dois descendo o elevador. Enchi um copo descartável e tomei um gole. Tomei mais outro e senti as mãos acalmando. Fiquei olhando a dona descer o elevador enquanto sentia a dorzinha no estômago que sempre sinto nos primeiros goles; uma dor boa porque meu corpo já sabe o que vem depois.

Aprendi a não barrar ninguém numa madrugada em que uma mulher quis entrar sem saber o número do apartamento aonde ia. Era uma perua ruiva, de vestido curto e toda bêbada. O apartamento do Pedro, dizia no interfone. Respondi que ali tinha vários pedros. É um do carro amarelo, disse ela. Você não sabe o sobrenome dele? Não. Tem o número do telefone? Não. Sabe o andar? Não, só sei que a janela dele dá para essa rua, no terceiro ou quarto ou quinto andar. Eu estava prestes a dizer para a dona ir embora quando ela agarrou as barras do portão e chacoalhou, fazendo o barulho de um trem. Olhou para cima e gritou com toda

força: Pedro! Érico pôs a mão no cabo da arma dentro do coldre e se aproximou. São três da manhã, madame, ele disse. Para ele, não puxar a arma devia ser difícil. A perua, quando viu a pistola, caiu de bunda no chão e foi rastejando para trás até o meio fio. Pedro Almeida, do seiscentos e um, pôs a cara na janela e gritou.

Convocaram uma reunião no salão de festas para discutir a questão. A reunião foi marcada para as nove, mas meu turno começava às dez. Cheguei atrasado e estava louco para que trouxessem isso à tona. Eu ia dizer que começava a trabalhar às dez e só saía às seis sem intervalo e nem bonificação. Era o que Patrícia queria que eu falasse. Mas quando entrei no salão e vi o círculo de moradores em cadeirinhas de plástico com Érico gaguejando no meio, me esqueci completamente do que eu ia falar.

Eles ameaçavam contar à polícia. Érico respondia que tinha feito seu trabalho. Silvana, da limpeza, repetia, polícia pra quê? E se fosse uma pessoa com problema do coração?, Pedro Almeida disse. Um morador metido a militar disse que não se saca arma contra alguém desarmado, principalmente uma mulher. Aí alguém me perguntou o que eu tinha visto e eu disse que Érico pegou na arma mas não apontou, e foi como se tivéssemos encontrado o fundo da coisa. Érico tomou apenas uma advertência, mas nunca mais foi o mesmo.

Por isso é que quando aparece algum chato eu tenho a maior das paciências; e de madrugada só acontecem três coisas, uma delas é aparecer chatos. Bêbados, malucos, perdidos. Por que as prostitutas não falam logo o que são? A cada hora usam um nome, o cliente nunca sabe qual: “sou professora de francês”, uma me disse com a cara séria às duas da manhã. Adolescentes fugidos, drogados, ex-namorados enlouquecidos. De madrugada não dá para mentir. Ninguém na rua, você tropeça sozinho, encontra um canto

escondido entre carros e postes onde vomitar, parece que o mundo não tem ninguém, só indiferença; você chora sua dor de corno ou qualquer que seja o seu problema e, quando finalmente encontra outro ser humano – o porteiro de um prédio de rico –, ele te diz para cair fora daqui? Eu não, amigo; o mundo já está cheio disso.

A moradora do mil e dois chegou ao térreo, abriu a porta do saguão e disse oi a Érico. Érico balançou a cabeça, sem tirar os olhos do celular.

Eu disse: oi, boa noite, vai a pé?, cuidado, essa hora é perigoso.

Obrigada, estão me esperando de carro, ela respondeu. Foi até a rua com o salto cantando na calçada e entrou em um carro parado ali.

Abaixo da bancada da guarita havia um armário com um computador dentro. Puxei o cabo da tomada e todas as telas se apagaram.

Ô Érico, já faz um mês e meio, eu disse.

E daí?

Você não vai desemburrar não?

Ele fez de conta que não me ouviu. Servi dois copos de plástico e continuei olhando-o. Finalmente, ele levantou o rosto por um segundo.

Vem cá, eu disse. Ele olhou para um lado e para o outro. Veio à guarita e olhou para mim e para as coisas lá dentro.

Vem logo, eu já desliguei a câmera.

Ele entrou, encostou-se na bancada onde ficavam os monitores de segurança, um rádio e uma televisãozinha.

Até parece que eu estou te chamando para matar alguém. É só suco, eu disse, e estendi o copo. Érico deu um gole e fez careta.

É o que tem.

Deu outro gole.

Isso aí, eu disse. Abri a mochila e tirei o suco novamente. Mania minha, guardar a caixa sempre depois de servir. Eu disse a ele: vira aí que vou pôr mais.

Tomou o copo todo de uma vez. Uma gotinha no queixo, outra careta.

Ele disse: quente é brabo.

Se eu trazer gelado a mochila fica toda molhada.

Tá explicado seu bom humor essa hora da noite.

É a única parte boa desse trabalho.

Tô querendo sair.

Por causa da briga?

Chato demais.

Já tomou advertência.

Não é mais igual antes.

Se tomou advertência, já está pago.

É chato demais esse trabalho, um tédio.

Bebe que fica bom.

Eu não bebo muito não. Só às vezes só.

Bebe aí, eu disse, mas logo me arrependi, porque ele então falou: história triste. Família. Pai morreu de bebida. Bebo só às vezes só.

E fez-se um silêncio. Eu até pensei em pedir desculpas por ter oferecido o suco, mas só me encostei na cadeira e fiquei bebendo.

A televisão transmitia um jogo de futebol. Tinha doze polegadas, um botão de girar e era de tubo. Mal dava para assistir ao jogo: uma névoa roxa, verde e vermelha pontilhava o gramado e confundia a posição da bola. A voz do locutor era distante e achatada.

Se o narrador gritar que o Tostão fez o gol eu vou achar normal, Érico falou.

É isso aí, eu disse rindo. Apesar de estar escrito ao vivo no alto da tela, parecia mesmo um jogo do século passado.

Conversamos sobre a posição dos times no campeonato enquanto eu lixava as unhas, só parando às vezes para encher os copos. Perderam o último jogo, estão mal. Nem tanto; enquanto o Bandeira Mello contratar todo mundo está tudo certo. Não dá para contratar todo mundo. Os que não se pode contratar ele trabalha para ficarem descontentes e serem vendidos. E nesse nível ia a conversa.

Essa era a segunda coisa que acontecia durante a madrugada.

Quando o jogo acabou, eu estava ficando bêbado. Érico ria à toa. Nosso assunto também tinha acabado e eu queria que ele saísse da guarita. Eu falava pouco para ver se ficava incomodado ou entediado, mas Érico não se importava com o silêncio, então eu disse que ia ao banheiro.

Depois de mijar, lavei as mãos e me olhei no espelho. Passei as mãos molhadas no rosto. Vi meus olhos vermelhos. Vi minhas entradas no cabelo. Comecei a fazer caretas para o tempo passar. Era a melhor hora da bebedeira, quando você ainda está disposto e acha que tudo vai dar em alguma coisa. Fiz cara de bravo, cara de

galã, fiz uma risada e contraí todo o rosto.

Saí do banheiro e o encontrei sentado em seu banco, olhando para o nada. Antes que dissesse algo eu falei, a noite tá fria hein? Vou encostar aqui para o vento não entrar, e entrei na guarita fechando a porta. Havia uma janelinha na porta por onde vi Érico se aprumando, ajeitando o cabelo e bafejando na mão. Tomei um gole do suco batizado e reconectei o cabo à tomada. Me sentei, liguei a tevê e estalei os dedos, sentindo a excitação correr as pernas. Me inclinei para frente e, com um clique, as imagens das câmeras de segurança reapareceram. Eram quatro imagens na tela e vinte e oito câmeras no prédio, mas eu só prestava atenção em uma imagem cinza granulada por vez.

Um corredor cheio de armários de madeira, abandonado. O quatinho escuro do zelador. Um estacionamento chuviscado com ruído no sinal da câmera. Outro andar do estacionamento — mil olhos piscando: pontinhos luminosos dos alarmes acendiam e apagavam dentro dos carros. As quadras, as piscinas, o salão de jogos; tudo parado. Em um elevador, uma velha se olhava no espelho.

No mezanino, a moradora do novecentos e um conversava com o garoto do trezentos e dois. Ele não morava aqui, vinha passar uns dias com o pai divorciado. Vinte anos no máximo. Câmera vinte e um, guardei na memória. Passei para a próxima e a próxima e a próxima. Voltei à câmera vinte e um a tempo de vê-la entregar uma cerveja ao menino e comecei a trocar as estações do rádio em volume baixo.

Ela encostada no freezer com uma garrafa na mão, os braços cruzados na barriga, sorrindo e ouvindo-o falar. Tentei me lembrar o que sabia sobre a mulher. Quase nada. Sabia que tinha uns trinta anos e seus sacos de lixo eram sempre cheios de garrafas de vidro.

Encontrei uma estação de música romântica, teclado, acordeom, um sujeito que cantava tremendo e por um segundo a cena ficou ridícula. Chacoalhei a cabeça e mudei de estação. A mulher do novecentos e um virou de costas, abriu o freezer e se curvou dentro dele, o garoto olhou sua bunda e eu soube que meu tempo estava acabando. Sempre existe uma estação tocando música gospel; podia ser o ideal se eu achasse uma daquelas que falam de Jesus Cristo como um amante, deixa-me em teu peito estar guia-me em teu terno amor quero em ti me refugiar, esse tipo de coisa. Mas só ouvia pregações e canções falando de amor, e é como eu disse: você precisa resistir às facilidades se quiser se aprofundar, manobrar uma ideia mais complicada. Mudei as estações mais rapidamente, tentando encontrar algo que se encaixasse nos meus planos mas o rapaz deu um passo na direção dela e vi que era agora e só o que eu encontrei foi mistério e segredo muito mais foi divino brinquedo se amar como dois animais. Ele a abraçou por detrás e eu ouvi constrangido fazendo uma grande força para encarar a tela e lembrar-me que estava sozinho não tinha de quem ter vergonha e aos poucos me convenci de que estava tudo bem, não adianta desenhar algo grandioso na cabeça, pois, quando a realidade vem, tem-se que aceitá-la como se aceita a si próprio já que somos sentimentais e patéticos mesmo, não somos grandiosos, e se o que você tem na cabeça não se converte em compreensão então deve-se descartar a coisa. Pensando nisso, o calor do embaraço no meu rosto se dissipou e comecei a tomar parte do momento quando ele mordeu a nuca dela e ela inclinou a cabeça para trás, a boca aberta e cabelo no rosto enquanto eu aumentava o volume gradativamente, uma moça bonita de olhar agateado deixou em pedaços o meu coração, uma mão segurando a beira do freezer e outra levantando o vestido para que o menino se pressionasse contra ela.

Aquela era a terceira coisa que acontecia durante a madrugada.

Saí da guarita às quatro da manhã. Érico dormia sentado, equilibrado em seu banco e escorado na parede, roncando de boca aberta. Olhei para cima, para as poucas estrelas visíveis da cidade. Vento frio. Cigarras e grilos. Eu me sentia vazio e feliz; voltei para dentro e ouvi música até o amanhecer.

Duas semanas se passaram sem que nada de interessante me acontecesse. Eu acordava às três da tarde, lia alguma coisa, assistia tevê, ouvia música numa vitrola velha que herdei há muito tempo. Quando Patrícia chegava do trabalho, por volta das seis, eu já havia posto a mesa. Ela só precisava chegar e cozinhar, mas estava ficando nervosa outra vez, como na época em que me atirou o xampu na cara. Eu a deixava em paz; ela é que perguntava durante o jantar: como vão as coisas no trabalho?

O meu trabalho? Normal. Um tédio mas eu até que gosto. Olha o creme hidratante que você me deu, como deixou minha mão macia.

O meu serviço vai cada vez pior, ela dizia.

Ela não conseguia mais vender cosméticos. Já vendeu a todas as suas amigas e parentas e agora tinha de convencer desconhecidas a comprarem. Bufava, esfregava os olhos cheios de olheiras. Eu afagava a mão dela com a minha macia de creme. Às vezes ela chorava e eu pensava que se não tivesse arranjado um emprego estaria cheio de cicatrizes, mas Patrícia estaria melhor porque poderia me culpar.

Pouco após o jantar eu tinha de ir ao trabalho. Lavava a louça, tomava um banho e pegava o ônibus das nove. Se estivesse sem vodka, saía mais cedo e passava no boteco. O dono do bar era um amigo meu. Contei a ele a história de quando cheguei bêbado do

o trabalho e encontrei Patrícia em casa. Essa, aliás, foi a única coisa mais ou menos interessante que aconteceu nas últimas semanas:

Em casa no horário normal, tudo nos conformes, fui tropeçando até a cozinha para beber água e, quando estava com o bico da garrafa na boca, vi Patrícia ali na porta me olhando séria como uma estátua e eu disse, oi meu bem está atrasada?, e ela disse, esqueci a valise e voltei para buscar, e eu tive de traçar a linha reta mais difícil dali até a pia para lavar a garrafa e fazer de conta que tinha consciência da falta de civilização de se tomar água direto do bico.

Também não é tão interessante assim.

Semanas depois, num domingo, Patrícia e eu ficamos na cozinha tomando umas bebidas. Ela bebia com prazer porque havia largado o álcool há um ano; era como Érico, “só às vezes só”. E eu bebia com prazer porque apenas nos finais de semana podia tomar algo gelado. Gostava que ela bebesse – gostava que todo mundo bebesse – e antes da cerveja dela acabar eu trazia outra, dizendo, vamos, bebe antes que es quente.

Ela puxou o assunto do trabalho de novo. Eu disse: não é fácil esse negócio de vendas.

Ah é mesmo?, ela perguntou, levantando as sobrancelhas.

Meu bem...

Não vem com essa de meu bem. Quando as pessoas querem maquiagem vão à uma loja, a um shopping, coisa assim. Ninguém mais compra de vendedoras de porta em porta.

O que eles falam no recrutamento...

Tudo mentira. Falam um monte de coisas para que você vire

revendedora. Querem que compre um monte de produtos e depois que se vire para se desfazer deles.

Não é fácil...

Aonde você vai?

Acabou minha cerveja.

Não está bom por hoje?

Só final de semana.

Haha.

Acredita se quiser.

Por que não faz o que te falo? O grupo dos alcoólatras.

Não preciso. Agora eu trabalho.

Acha que eu sou boba?

Meu bem...

Não vem com essa de meu bem. Eu vi sua garrafa de vodka escondida no armário.

É de antigamente. Esqueci no armário faz tempo.

Pra cima de mim?

Acredita se quiser.

Que emprego é esse que volta pra casa com cheiro de cachaça?
Acha que não sinto nas suas roupas?

Que conversa é essa?

Quando abri sua mochila quase caí para trás.

Paralisei com a mão na porta da geladeira e a boca entreaberta.

Muitas caixas de suco na geladeira, hein? Adora um suco.

Eu já estava quase me esquecendo de como era a sensação de brigar com a mulher. Você se sente como uma criança, como um cachorro; mesmo sem ter feito nada errado. Eu sabia que ela, do jeito que estava, não ia querer parar de discutir, então eu disse para cortar o assunto: quando isso estiver me atrapalhando eu procuro os anônimos.

Está me atrapalhando.

Abri a geladeira e peguei mais uma garrafa. Ela repetiu:

Está me atrapalhando.

Eu ia indo embora da cozinha e ela disse: ficou surdo?

Estou te atrapalhando como?

Suas mentiras.

Não atrapalho ninguém, só ajudo.

Ajuda quem?

Ajudei o Érico um tempo atrás. A história que te contei sobre a confusão e a advertência no prédio, lembra? Dividi uns drinques com ele e ele ficou bem melhor depois de uma conversa sincera comigo. Desabafou...

Que mané Érico? Acha que sou boba?

Ajudo aqui em casa com o salário.

Salário mínimo menos o dinheiro da cachaça.

Me conheceu eu já era assim, você que ficou chata de repente.

Levou o “Érico” para conhecer suas cadelas molhadas?, ela perguntou, fazendo aspas com os dedos quando disse Érico.

O quê?

Ajudou assim? Acha que não sinto o cheiro de cadela molhada nas roupas?

O que você está achando?, eu perguntei e me arrependi porque, ao falar, senti o rosto esquentando de raiva.

Acha que não sei? Mulher sente essas coisas. A Daiana falou que sabe que o marido trai quando chega carinhoso em casa.

A visão escureceu nas laterais, eu só enxergava a coisa para qual estava olhando. O rosto de Patrícia.

Ela riu e falou: mulher sabe. Eu não sabia que você estava bebendo, mesmo você falando que não? Tudo que você fala não na verdade é sim.

Eu ouvia calado. Queria falar que não tinha cadela molhada nenhuma, mas sabia que ia me enrolar se tentasse. Ela via minha cara vermelha e sorria porque achava que tinha me enquadrado.

Vou falar para a Daiana, ela vai dizer “eu sabia”. Já estou até vendo.

O que você está achando?

Que emprego é esse que você trabalha oito horas durante a madrugada sem bonificação e volta bêbado para casa?

O que você está achando? O que você está achando? O que você está achando?

Agora cego, queria ter a boca maior e a língua mais rápida, mas só conseguia falar “o que você está achando?” e já sabia que estava ficando ruim, mas não pensava em nada melhor. Dei as costas e saí de casa. Bati a porta com toda a força e ouvi o barulhinho de metal quicando no chão quando a fechadura quebrou.

Andei até o portão e lutei com o molho de chaves; lutei para acertar o cadeado. Nada se movia no azul imenso da tarde. Me afastei do céu luminoso para o lado da rua que corria junto a um córrego – lá embaixo, na sombra das árvores, a lama formava uma pasta roxa pavorosa, onde destroços de sacos plásticos expeliam de volta o aluvião podre de comida e papéis rejeitados. Boiando na correnteza e ondulando para cima e para baixo ao longo do meu passo, um boneco colorido de brinquedo rodava com o braço esticado me pedindo ajuda, em um mundo oleoso e fedorento, e eu ficando irritado com esses menores detalhes.

A rua desembocou em uma praça. Lá adiante, sentada num banco de concreto, uma menina acariciava um cachorrinho no colo. A praça dava acesso a quatro ruas; rumei para a rua oposta à que eu viera, porque era a que eu menos conhecia, e, passando ao lado da garotinha, vi que ela chorava enquanto afagava o cachorro morto. Cheguei a uma avenida deserta a não ser por uma moça sentada no ponto de ônibus com a bolsa no colo. Como eu ainda sabia onde estava, mesmo depois de dez curvas à sorte, me sentei no ponto de ônibus e decidi pegar o primeiro que viesse. Só eu abanava as moscas. A milésima frustração desde que saí de casa: nos finais de semana quase não tem ônibus. As moscas caminhavam nos braços da moça ao meu lado. Quarenta minutos esperando; a raiva foi arrefecendo e me deixando com um oco amargo por dentro.

O ônibus finalmente veio e eu me levantei. Subi a escadinha e passei a catraca. Logo que me sentei, vi pela janela a moça ainda esperando com a bolsa no colo, uma mosca caminhando nos seus lábios. Olhei para os outros passageiros chacoalhando lá dentro. Todos sozinhos; trabalhadores de final de semana. Tinham a expressão de que nada era com eles.

O ônibus correu a avenida até o fim, até uma grande rotatória com um espelho d'água onde os mendigos enfiavam os pés dentro, e descemos por outra avenida rumo ao centro. Agora eu podia ver os prédios espelhados se aproximando. Eram quase seis da tarde e as janelas refletiam o sol em cheio.

Na praça do palácio o ônibus fez a volta e ia retornar. Eu me levantei e sinalizei que queria descer. O jardim do palácio de mangueiras e flores tropicais estava fresco. Um mundo dentro do mundo. Quando pus o pé fora dali, na rua quente, as coisas que pensei durante a viagem estouraram como uma bolha e eu me esqueci de tudo, ficando somente com a sensação de que fui injustiçado e que à minha frente havia uma coisa enorme que eu não conseguia dizer.

Enquanto andava pelo centro eu repetia que tudo bem, que não precisava castigar a mim mesmo por ter me enrolado com Patrícia. Repetia que tudo bem, que algumas pessoas não tinham nascido para mexer com palavras. Mas aí me lembrei dos outros passageiros do ônibus com as feições treinadas de paciência: algumas pessoas não tinham nascido para nada; algumas pessoas nasciam, andavam para lá e para cá e morriam sem entender coisa alguma. Meu peito começou a arder enquanto eu pensava nisso; não conseguia pensar em nada que me distinguisse deles. Só senti alívio quando reconheci a rua escura em que estava.

A duas quadras de distância ficava o prédio em que trabalhava. Andei até lá. Quando cheguei, já era noite. A luz interna da guarita estava apagada e a luminosidade da televisão mostrava duas silhuetas. A janelinha se abriu e o porteiro dos finais de semana me disse, ficou com saudades do trabalho?

Silvana estava dentro da guarita, na penumbra, imóvel como se quisesse se camuflar. Quando olhei para ela e de volta para Júnior

(o outro porteiro tinha um nome ridículo igual ao do pai; Júnior era como o chamávamos), ele apertou os olhos por um segundo e já entendi que eu estava incomodando.

Esqueci um negócio aí, eu disse. Deixa eu pegar rapidinho.

Enquanto eu estava na guarita, perguntei, alguém sabe onde fica a chave dessa bancada? Do computador? Preciso pegar as gravações de segurança. Silvana tirou a chave do bolso e me deu sem falar nada.

Abri o armário. Em cima de um computador velho, deitado de lado, descobri um aparelho de videocassete. Uma pilha de fitas VHS. Nelas, um adesivo colado dizia “grava quatro horas”. Deviam gravar e regravar em cima desde o século passado. Desliguei os fios, coloquei o aparelho sob um braço e ajeitei as fitas sob o outro.

Júnior disse: o que você está fazendo? Leva só as fitas.

E onde vou achar um aparelho para tocar isso?

Vão achar que eu roubei o negócio.

Tranca o armário. Amanhã eu devolvo. Ninguém vai ficar sabendo.

Se alguém perguntar eu conto que foi você, Júnior disse, mas quando ele disse isso eu já estava na calçada, indo para casa.

A porta do nosso quarto estava fechada. Em silêncio, ajeitei o vídeo cassete, ligando os cabos atrás da televisão. Só queria surpreender Patrícia quando tudo estivesse pronto. Liguei o aparelho para testar se as imagens estavam aparecendo. Era melhor do que eu imaginava. Uma nuvem cinza tomou os contornos de um homem parado no térreo esperando o elevador. De baixo para cima, uma faixa de distorção foi subindo e transformando-o em uma menina na garagem. Anos de regravações haviam deixado a

fita magnética com incontáveis imagens encavaladas. Mas eu não podia contar com a chance de encontrar algo decente no rádio; tinha de arquitetar com antecedência.

Coloquei a vitrola no chão, liguei na tomada e comecei a procurar entre os discos. A imprecisão do VHS pedia por eco. A aura neon vermelha, verde e azul demandava um coro de metais. A inconstância queria dizer ruído, talvez teclado ou guitarra com efeitos. Selecionado o disco, eu procurei a cena ideal. No meio de uma fita, encontrei um sumário perfeito de anos, um breviário de várias vidas: aniversário de menino se transformando no centenário de velho no salão de festas. Um chuvisco os retorceu e, aos poucos, eu fui aparecendo na tela, sentado em minha guarita tomando suco e, devagar, me transformei em um gordo contando dinheiro sozinho no mezanino. Um fade o escureceu e revelou uma desvairada quebrando o carro do ex marido com chave de roda, e, por fim, emergiu a comoção em torno do corpo de um suicida que tentou voar. Eu selecionei o trecho da música que melhor se sincronizava com aquilo tudo e, pelo resto da noite, compus o meu poema eletrônico.

Quando abri a porta do quarto, encontrei Patrícia deitada na cama segurando a minha garrafa de vodka vazia. Acordei-a com um carinho na cabeça e tirei os cabelos do seu rosto e a garrafa de sua mão. Ela me disse, já voltou?, mas eu coloquei o indicador na boca em sinal de silêncio e a puxei pela mão na direção da música que tocava como se os mortos nos chamassem através da cortina de chuviscos. Ela resistiu, mas eu sorri para certificá-la de que estava tudo bem. Quando chegamos à sala, eu coloquei tudo para tocar e ela encarou a tevê. Segurei novamente sua mão e ela viu o que eu tinha feito. Com a boca entreaberta, os dedos dela apertaram os meus e eu pensava que nunca na vida eu tinha conseguido me abrir assim com alguém. Ela encarava a tevê com

os olhos arregalados e a boca aberta e eu me esforçava para guardar aquilo que estava sentindo; era uma coisa que eu achava que devia fazer: guardar; enquanto, no escuro, duas tevezinhas eram refletidas nos olhos de Patrícia.

007_

como saber se as cidades sentem fome

jade
luísa

como saber se as cidades sentem fome

jade luísa

I.

decora as linhas do meu joelho
como se não escapasse delas também a fúria
silenciosa da noite

II.

deseja a minúcia do mundo

os séculos, as cidades
mapeia meu corpo como se desenhasse todas as cidades
por onde passou
lembra cada pedra nas vielas
caminha entre fissuras, dobras
como aguça meu pescoço o cheiro
da espera no ponto de ônibus
os líquens insinuando minha
lombar'

— são seus dedos nos becos
dessa cidade que criamos para destruir
dentes-de-leite que nascem entre a cutícula dos muros
esboço de pele
algum lençol

dentes-de-leite que nascem entre a cutícula dos muros
esboço de pele
algum lençol

III.

faz do meu corpo terreno baldio

IV.

derrama outra chuva que assombra
as pequenas ruínas da rua

o frio da madrugada prostrado sobre os pelos do seu tórax
fantasma de estio

V.

mapeia meu corpo como quem deixa marcas nos muros
se lambesse meus lábios esconderia talvez
o não dito

— atravessa a cidade aos meus pés
descalços
e se inclina simultâneo
solene e selvagem
ao interdito

inventa mais um nome para fingir não me chamar e segue
ainda os sulcos
dos meus dentes no ar, algo tangível

finge não poder me tocar enquanto me deita no meio-fio
toda a delicadeza do concreto

finge que é também impossível estar comigo enquanto me despe
finge não ouvir o canto como ulisses enquanto
finjo tecer o vazio

VI.

sussurra meu nome como se fisesse o fio de neblina
iluminado pela última
lanterna da rua

008_

aquele ator argentino

alexandre
arbex

Encontrei-o no aeroporto, numa terça-feira de outono, quando saía esbaforido pelo portão de desembarque. O esbaforido era eu, bem entendido. Darín poderia estar pressuroso, atormentado no máximo. Jamais esbaforido. Trajava um blazer cinza, feito de um veludo que combinava com sua barba, eternamente por fazer. Ou melhor: feita com a minuciosa, com a aveludada intenção de parecer uma barba por fazer. A medida elegante do desleixo, pensei. Darín. Reconheci-o no susto, depois considerei que tinha me enganado, depois voltei a achar que era ele, mas sem a primeira convicção. Ninguém ao redor dava a impressão de notá-lo. No aeroporto, as pessoas se acham todas um pouco famosas, cada anônimo pisa na própria estrela. Darín parou junto ao balcão de uma cafeteria e sacou o celular. Parei a certa distância e pedi um pingado. Ouvi-o sussurrar algo como “qué sofocante es” para dentro do colarinho, ou presumi, pelo calor que fazia, que teria dito qualquer coisa assim. A imaginação preenche as falhas dos sentidos, pensei. Vi quando ele torceu o rosto (eu sabia que ia acontecer) ao provar o café. Que antipático. Que aborrecido. Que cativante. Não creio que o café estivesse tão ruim (o pingado não estava), apenas quente demais. Depois, ele acendeu o cigarro exatamente como nos filmes: inclinando-se em direção ao isqueiro como se o braço que oferecesse fogo fosse de outra pessoa.

Ao primeiro trago, Darín espremeu as comissuras dos olhos, e um pente de rugas realçou suas linhas de expressão.

Arrisquei uma aproximação tímida, alçando o cotovelo por sobre o balcão. De perto, o rosto perfilado sob o ângulo do cansaço mal evocava a fisionomia que eu estava habituado a ver nos filmes. Claro: maquiagens, holofotes de estúdio, os anos que passaram. Mas já não duvidei que fosse ele. Mais que isso: creio ter alcançado (vai soar estranho, eu sei) uma compreensão profunda da sua beleza, da sua virilidade madura. Da sua maturidade viril, para ser mais exato. Darín consultou o relógio. Largara o café no meio e, depois de dois ou três minutos, estava claro que não voltaria a tocar na xícara. Sua fisionomia relaxara um pouco, acho até que algo divertido tinha atravessado seus pensamentos porque ele pareceu prestes a sorrir, mas não sorriu. O efeito Monalisa, obviamente. Eu procurava um assunto, uma maneira de abordá-lo que transmitisse uma admiração honesta, desimpresionada, e tentava formular algumas frases num castelhano ligeiro. A figura de Darín inspira certa solenidade. Impõe certa solenidade, melhor dizendo. Imagino-o entre seus amigos íntimos, numa farra portenha, e o vejo sempre íntegro, composto, o álcool acentuando sua majestade. As suaves irradiações de sua presença exerciam sobre mim uma atração, não sei se sexual, não sei até que ponto sexual. “Meu tipo de homem”, a frase se formou sozinha na minha consciência. Tive vontade de puxá-lo pela lapela, aspirar o cheiro de sua colônia – jasmim seco, com notas de rapé, eu poderia apostar – e mirar de perto o azul gelado dos seus olhos. “¿Qué pasa?”, ele perguntaria, calmo, acostumado, e o hálito de tabaco e malbec me faria tremer as pernas. A simples intuição da cena já me obrigava a apoiar as duas mãos no balcão. Darín, entretanto, tinha acendido outro cigarro. Ele não vai embora agora, pensei, que alívio.

Tornei a espiar ao redor, mas com uma mirada mais fina, menos ingênua. As coisas não são o que parecem. Ao mesmo tempo, não são mais que isso. Procuramos os significados profundos e deixamos passar as evidências. Uma mulher sentada a uma das mesas olhava não sei se para mim ou se apenas, distraída, na minha direção. Na direção de Darín, talvez. Eu próprio não tinha reparado até aquele momento nas mesas ao lado do balcão. A aparição esquiva e umbrosa de Darín entre os passageiros que desembarcavam entretivera minha atenção tão completamente que as circunstâncias, os obstáculos do espaço me tinham passado de todo despercebidos. Quando fixei o olhar sobre ela, a mulher desviou o rosto. Nada abrupto, mas suspeitei do movimento. Conheço o tipo. Ela levou a xícara grande à boca, apenas debicou o café e demorou-se alguns instantes nessa posição com um olhar meditativo, absorto talvez seja a palavra, a xícara suspensa entre as mãos. Um gesto de cada vez, como se obedecesse a marcações. Desconfiei que tivesse reconhecido Darín. Não exatamente Darín, mas uma personalidade, um ator que ela se lembrava de ter visto em algum filme, vagamente Darin, quero dizer. Depois imaginei que a mulher encenava. Ou contracenava. Fitei Darín: indiferente, como esperado, terminando o cigarro. Queria acreditar, mas no fundo ainda tinha minhas incertezas. Às vezes, algo sutil na sua postura quase me enganava, uma variação ínfima que eu não conseguiria determinar, uma acomodação corporal da matéria que transfigurava de repente toda a sua aura. Eu piscava, voltava a olhá-lo no instante seguinte, e Darín era outra vez Darín. Tive medo de que a insistência me fizesse perder o trunfo da descrição, de que ele, impaciente, respondesse ao meu olhar. O que eu faria? Me desculparia, por supuesto, baixaria a cabeça, acabrunhado. Darín, em todo caso, se mantinha impassível no papel. Me ocorre agora uma hipótese: talvez ele quisesse evitar um constrangimento para si. Atores menos populares, ilustres apenas junto ao público

de certo nicho, devem lidar o tempo todo com curiosos impertinentes que cismam reconhecê-los da televisão ou os confundem com alguma celebridade. Não eu. Eu sabia, eu sei quem é Ricardo Darín, o maior ator do cinema argentino contemporâneo, talvez o maior de todos os tempos.

Pedi outro pingado e um pão de queijo. Falei um pouco acima do tom, tentei ser um pouco mais simpático, mas Darín, chutando com um peteleco as cinzas da ponta do cigarro no pires, parecia incólume a qualquer manifestação de vida exterior. É proibido fumar no aeroporto, pensei quase em voz alta, e procurei ao redor aqueles seguranças que circulam por aí sempre prontos a enquadrar os fumantes nas regras. O saguão estava deserto. A claridade da manhã entrava através dos vidros e se espalhava sobre o porcelanato cinza, mas o brilho do dia refletido era frio, se dissolvia nas manchas que a iluminação fosforescente do teto deixava no piso. O vazio inspirava uma sensação de ordem. Deslizando a ponta do indicador, a mulher da mesa fazia círculos suaves pela borda da xícara. Um despiste, pensei, uma rubrica do script. Na pressa de não perder Darín de vista, eu tinha certamente cruzado sem perceber algum cone, alguma faixa colada no chão para delimitar o perímetro do set. Era uma tomada longa, até ali perfeita, que o diretor não podia interromper. Depois, claro, a editoria, reconstruiria a seu gosto. Os recursos técnicos hoje são ilimitados. Eu era o figurante que dava uma atmosfera de naturalidade à cena, que a fazia parecer real, como, de resto, se deseja que o cinema seja. A possibilidade me inebriou. Isso explicava a monotonia da atitude de Darín, sua estudada, inabalável concentração. Pensei: somos todos figurantes para os desconhecidos que passam por nós protagonizando as próprias vidas. Olhei Darín diretamente nos olhos e me perguntei se um ator consegue parar de encenar mesmo fora das câmeras. Depois,

me perguntei se eu conseguia. A vida é um filme, pensei. A vida não é um filme, pensei em seguida. Quando me dei conta, Darín tinha os olhos fixos sobre mim, profundos como o oceano, talvez tão profundos quanto o céu.

Sua mirada era a mesma dos closes em que seus personagens parecem taciturnos ou na iminência de dizer algo muito importante: de baixo para cima, oblíqua, sem nenhuma cintilação. Ao fundo, eu percebia as sombras se deslocando, ouvia os passos, toda uma agitação de bastidores. Fiz um aceno de reconhecimento, inclinando a cabeça. Darín ainda me olhava. Seu rosto assumira agora uma inesperada expressão de dúvida, como se não tivesse escutado direito algo que eu deveria ter dito. Notei que seu cabelo raleava na frente e que ele era mais baixo que eu. Balancei a cabeça de modo indefinido e aguardei qualquer resposta dele que me situasse na ação. Darín, todavia, apalpou os bolsos com um gesto natural de fastio, como se eu não estivesse mais ali, depois passou a mão pela barba, os dedos pela pele flácida da mandíbula. Preparava sua saída. Evidentemente as coisas não tinham acontecido como esperado. A caminho do ponto de táxi, seu vulto parecia prestes a se esfumçar na distância. Encostado no balcão, sozinho, percebi quando as luzes começavam a se apagar.

009_

cruzeiro
novo

flávio
morgado

cruzeiro novo
flávio morgado

melhor rezam
 (e melhor driblam)
os descrentes do mundo prometido.

quem veio pela sorte
errou a dose das veredas,
quem passou no concurso
que se perdeu na senha,
os que varrem sua poeira de ferro
amansam seu cio das oito às cinco
numa dobra que remói a si mesmo.

tensão reta de um eixo monumental
tua seda lilás tão perto já é manhã
tua promessa dourada
tua realidade de diesel
tão pontuais e
prestativas
como um gole a esse agreste.

cruzeiro novo, cruzeiro velho:
atravessar de paleta, fazer tocar tuas cordas - guarnição de saudades
da Portela, do Cacique, de marinas e cais.

cruzeiro velho, cruzeiro novo:
pôr na encruzilhada o menino que desenhava seus
traços no rosto dos outros, e
no rosto dos outros punha
um bigode
que nos dizia: onde está meu pai?

cruzeiro velho, cruzeiro novo:
da peregrinação deste menino, Isaías
decepcionou a bíblia por um
galo e profetizou à décima quadra
uma viela de segredos, desvios

— algo estranho ao que se é planejado;
mas que traduz o mesmo futuro
vicioso,
que, no pivete,

já nos antecipa que só se salvarão

alguns setores.

010_

fragmentos de um caderno de viagens

COCO

fragmentos de um caderno de viagens

coco

um caderno de viagem,
para Haroldo Benjamin
passando na repassagem
Pommeraye de 4 em 4
viajo onde escrevo
até ficar de JK
chegando refinalmente
em Paris para vir (é só uma viagem)
na Finlândia em Helsinki, Tampere e até
as altitudes nevadas do Norte habitado
as mais próximas do céu daqui
(mais próximo ainda é o do Cerrado
do mar sem aurora boreal)
próximas às águas que nos levam
em barco no Báltico
para Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia e
de passagem em repassagens em



ventos

voamos até a Antiga & nudista (jamais o suficiente)
Grécia, Brasil da Europa

((como hemisfericamente caindo)) agora de volta na minha cidade
[natal

então chamada Naoned
— segundo revisão histórica
Nantes — (povo do rio, namnete)
na França rodando da Bretanha
até o raio equatorial satelitear-nos
através da diagonal do vazio
onde se encontram fatos de boi
e outras cidades e não-cidades esquecidas
ou simplesmente não mencionadas
estradas pedestres, ferrovias, rodovias, lagomares mares e rios
[desfiladeiros

tentativas sensoriais e haicais falhados
lembram corpos desnomeados
desejos inapagáveis
assim que o inverno passa
lá, na fria Europa
no instável berço
de programas ineficazes
dum iluminismo hegemônico escuro
de filosofia clara apropriada por nazistas
do materialismo dialético mal usado
de elitismo sem o bom gosto
de arte sem cultura
de cultura única sem cotidiano próprio
do colonialismo antes e depois do racismo e além da xenofobia
da minha decisão de distância
longe de lá mas perto daqui
da minha vinda sem volta
eu guardo souvenirs amigáveis e amizades para sempre
um convite reiterável e com duplo sentido

Antes da viagem (a viagem dentro da viagem ou preparativos viagísticos)
[a partir de 2022]

Goiás

As montanhas mais antigas do mundo
reduzidas a colinas
— percorri milhares de quilômetros
que levaram a lugar nenhum



On the road
poesia qu'estou muito decepçionade para escrever
em vez de olhar para a paisagem
sempre mais infinitamente infinita

Detalhes
*brasi*numeráveis
da flora
(a fauna se esconde
melhor) pululando



Máscara firme
rosto livre
do “olá”
de todas as línguas protegidas assassinadas.



Barzinho
almocinho
bar à noite
mimir

parêntese brasiliense

Fui no show do Arnaldo Antunes
e Vitor Araújo, amigo do Negro Leo,
e quase não entendi nada
por falta de compreensão da palavra “buraco”



Está muito frio para ler
eu fecho o livro
eu escrevo essas linhas
e reabro o livro



A cerveja não esquentar
o livro não aquece mais
a cerveja não acabou
estou ficando bêbado



Para Mark Hollis

Configurar uma banda
experimental juntas em poucas sessões de gravação em estúdio
tocar em alguns shows para desmotivar toda a dinâmica do grupo
demitir cada pessoa e se contentar com gravações solo em estúdio
onde os instrumentos de todes são substituídos pelo silêncio



eu tenho um amor
amor da minha vida
e um amor mesmo — intelectual, de trabalho, de recomeços
amor para compensar a nossa falta de não poder estar sempre
juntas
(porque faltaria então o amor solitário)

É isso
o poema tomou a forma do telefone
nele lemos, nele escrevemos
para ler a nós mesmas



DF

Brasília, de pé!
já é tarde demais
as bordas das estradas estão fumando
e em seus últimos doze meses
o presidente eleito queimou na Amazônia
cem vezes a área de Paris.



Penso em herança
coleção de livros, discos
que ninguém vai consultar sem mim
extensão de mim-mesme que sofrerá minha morte
minha constituição em vias de extinção



A saber
qual viaduto de qual governador
vai entrar em colapso primeiro
falta de suborno



Aqui
neste cinema
cujo corredor principal
impede uma visão central

No Guará
crianças foram pintar a escola
para ter um bom descanso



Eu vou tentar
escrever de lá
a poesia
da cidade mencionada



“Ainda há lugar”
para que fazer
o que fazer
desidentificade
no despaís meu
faria em qualquer lugar
qualquer coisa



Séria ótimo te encontrar uma semana que não esteja tão cheia
— o que não existe no mundo capitalista



Sexo é um passo
sexo não é um passo obrigatório
sexo faz parte do que passa
e se passa
— um método de encontro



Finlândia (Europa)

[a partir de 2024]

Descendendo até a cidade
de poeira, como esquecida,
se ouve o verão cantando
se aproximando
do centro nervoso das evacuações.
De dentro da neve, talvez.

01 até 04/01



Corvos voam até o meu olhar.



Longe dentro do país:
gelo no copo
te enche livremente



Branquinhos
na Finlândia
dançando Shakira
cantando *This Is Africa*



Eu, branquinhe,
falo pro homem
branco que falou: “stupid!” para nós:
ok, white man (respondi
— e ele me olhando de punhos)



Os tijolos em todo lugar abrigaram a forte resistência da cidade aos ataques indesejados. As fábricas se preenchem agora em horas comumente não trabalhadas. Comércio novamente lucrativos, por vezes falsamente associativos, se vestem dum pôr do sol eterno no verão mas também no inverno.

A associação cultural daqui se faz ao redor duma cerveja que tem o preço de várias jornadas de trabalho em fábricas em outros lugares do mundo.

Uma dessas fábricas-galpões está hoje em dia trazendo a recepção de recepções — festas para todes mas particularmente para as mesmas pessoas se fechando em si nos seus mesmos desgostos compartilhados.

Lá se achará somente um convencional esperado.

Tampere



Onde as luzes são corpos caídos por nada
uma dança se compartilha separadamente
onde ela se ativa.

Chiaroscuro não é à toa.

Música soa como
à espera do Estupor organizado.

Forma é surpreendente
encontro de seres
e coisas acreditadas.

Water tasting like this boy's kiss.

Mundo não-desencantado é mundo encantado
revelado (depois arquidissimulação) ou sempre-mundo.
Sempre-mundo não vai acontecer.
Nem também nunca-mundo.

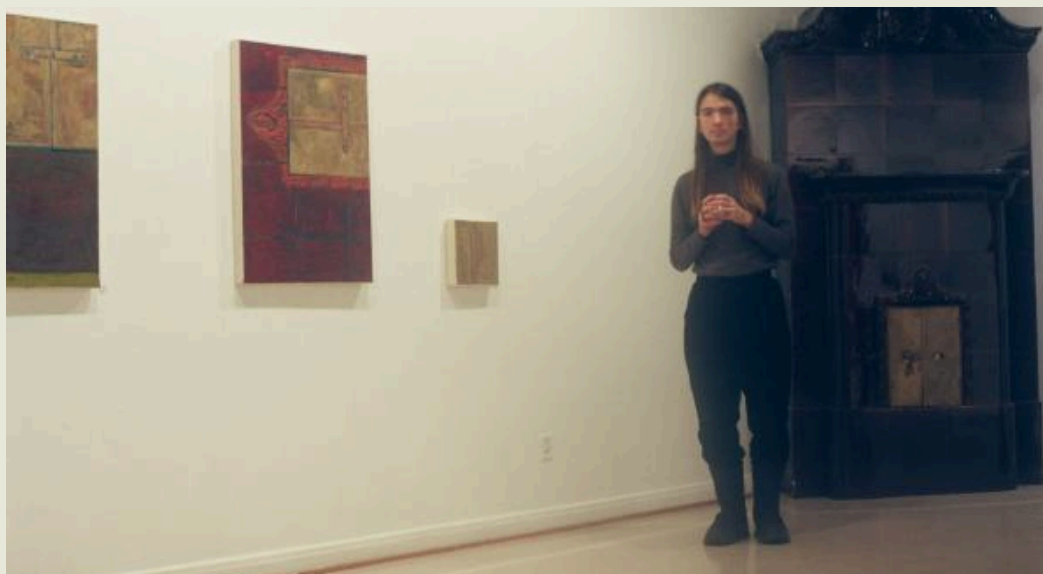


Autorretrato no Lenin-museo, 2024



Eu entrava então em uma galeria que oferecia (finalmente!) algumas guloseimas para bocas famélicas. Essa abertura me deixou como transi. As telas pintadas cada vez respondiam a um elemento do seu espaço expositivo. Uma sala inteira foi dedicada aos detalhes do antigo fogão entronizado ali e que há muito não devia mais aquecer essas paredes brancas, mas que deve ter dado felicidade ao lugar que decidiu, apesar de tudo, neste ponto nesse mundo, não ceder ao tecnoprogresso e mantê-lo no seu estado de inutilidade, como um elemento decorativo avaliado como chique de uma época reconhecida como revolvida. Uma outra sala tinha no canto um livro da artista, depositado sobre uma mesa baixa demais para que se folheasse direitinho, junto com duas telas embutidas acima com as luvas que nos teriam ajudado a manusear as preciosas páginas. Por fim, e omitindo o balde que se encontrava no mesmo espaço, a última sala oferecia à vista uma saída: a igreja representada desde vários ângulos de chegada, e que se poderia enxergar sem se enrijecer, se as janelas que a dariam a ver não oferecessem nenhuma profundidade além do reflexo de nós mesmos.

Esta exposição deu-me a impressão de ser estrangeiro a tudo — ou melhor, que sendo tudo estranho para mim, mesmo bem presente e representado aqui, esta galeria poderia ser a minha prisão até permitir-me algum eterno retorno do mesmo.



Autorretrato, 26/01/2024



Casas de pedras debochadas
e um mar gelado
que não avança mais

Helsinki



Flores imitadas só por forma, em longe lembrança, adornavam
empoeiradamente as lâmpadas que deram ao conjunto suspenso
um aspecto antigo e chique — de tentativa.

Olympia, 23/02/2024



Uma iluminação indicava talvez uma porta.

Rovaniemi, 24/02/2024

As pedras — carregam a neve
encontram o mar
fazem fiorde

Rovaniemi, 24/02/2024



A trabalhadora pega nas suas mãos enluvadas de verde as bandejas vermelhas e vejo grossos morangos voar.

Alguém que não quer ficar sozinho e que estaria muito pronto para começar a falar sozinho.

28/02/2024



Eu vi minha lembrança brincar num cômodo — uma casinha, talvez um apartamento.

As pessoas correm até o outro lado da rua no final da apresentação antes das fatídicas vinte e uma horas em que as vendas de bebidas alcoólicas irão parar.

Onde se fala de samba — ainda se procura.

E a vontade de ter pedido para fumantes: “*Can I smell your fingers?*”

28/02/2024



As faixas de pedestres apagadas
os bancos descansados
uma menina do tamanho do montezinho de neve
cinzas caindo sobre meus dedos
para evitar luvas fedidas



Do meu quarto. Eu teria gostado de transar junto com o Miki Liukkonen. Eu não sei se ele se suicidou. Eu teria sido amigue dele antes disso — noção de amizade que não impede nada. Ser amigue do poeta publicado cujo a poesia nem vale tanto a sua.

30/04/2024



O infinito pôr do sol se reflete nas asas de gaivotas simplonas.

01/05/2024



Em Oulu eu ando atrás de um menino morto que olha para trás depois de termos saído pelades juntas da sauna.

(Eu vou às vezes pra piscina pública só para ficar pelade na sauna.)

25/05/2024



ALL EYES ON RAFAH e cada par de olhos fixando uma imagem gerada por inteligência artificial, ou seja, uma imagem de imagens entregue sob encomenda — se for uma ideia, está vendida. *ALL EYES ON RAFAH*, considerando que, se fosse necessário produzir apenas um discurso em vez de imagens comerciais de discurso, pode-se fazer a seguinte pergunta: qual imagem uma expressão estadunidense (“ALL EYES ON RAFAH” ou “Free Palestine”) oferece que não estamos vendo?

Será que os Estados Unidos têm o direito, antes de mais, de denunciar teoricamente este extermínio que está a orquestrar tecnomilitarmente? E a França? E todos os outros países ocidentais envolvidos?



As imagens são substituíveis, não são *ininventadas* e a repetição das mesmas é um desastre que não tem necessidade de mostrar o desastre (o qual, em última análise, nunca se mostraria realmente aos olhos de quem não está sobrevivendo lá, nem mesmo aos olhos de quem está lá, já que não pode haver olhos para considerar este horror).

O responsável pela geração desse conteúdo reproduz a ideia de uma imaginação fixa (*ininvenção*) que impede qualquer intenção possível — ora romântica em ambiente de guerra, ora estetização colonial de imagens já existentes, de um banco de dados criado, organizado e utilizado por fins lucrativos por organizações ocidentais.

— Pelos menos, por aqui o Ailton Krenak guarda a mais sábia e a mais radical palavra: e se pensássemos em criar jardins em vez de recriar o mesmo?

✱

(...)

Ela é provavelmente tudo que eu teria amado encontrar na Finlândia — mas já é meu último dia aqui. Ela me abriu a um país que pode muito bem não ser aqui.

Também tem latines de quem eu vou sentir falta na Finlândia. Falta de não ter visto o pau relatado como imenso de um, falta de não ter bebido mais cachaças de jambu com um outro, não ter ficado depois de sua performance ou tentar reencontrá-lo no dia seguinte. De parar para uma foto sua embaixo das auroras boreais. Falta de não rir junto com elas num cruzeiro falando bobagens para algum gringo. De tirar fotos nossas com a bandeira brasileira. Falta de desejar não tem.

Tampere pois Helsinki, 31/05/2024

✱✱✱

011_

do risco
sei as chamadas

nadja rodrigues
de oliveira

do risco sei as chamas
nadjá rodrigues de oliveira

1.
umedeço meu fim
na língua combustível

a linha tênue
entre os dentes

tu chegas
mordiscando troncos
no sussurro apenas
o lume

2.
fiar teu nome pela fome

meus lábios pinçados
secretam a seda

da boca ao corpo
morada
e abandono

3.

percorro tua face selvagem
om os ísquios

(uma órbita lunar)

a marca inaugural ainda grita
entre as gengivas

4.

fechas o bico
o fio se apaga
eu queimo

teu corpo uma urna
minhas cinzas

5.

apenas o vazio perdura
sob mantos caídos

e olhares que insistem
em ver mariposas

6.

temos o sim da lagarta: desaparecer

012_

escarlate infeccionado

fred
gondim

escarlate infeccionado

fred gondim

I.

duas e quarenta

a cara derrete

com a droga certa

quem dera se deslocasse

a cara da sinusite

a qualquer hora errada

na densidade dourada

escarlate infeccionado

a cara dói

bem que poderia

a qualquer hora bigorna

queria arrancar o céu

com minha mão divina, contrária à ironia

o curso ígneo que custa a ordem

meus olhos prontos para saltar

dói inteira, amor
do terceiro olho
à gengiva

catapultar
em erupção com o asco
o que sobrou de metafísica

bilastina, corticoides
a mão na cara como se fosse
desembaralhar a dor e dormir

é sempre péssima hora

II.

tentava manter fechados os olhos
ardendo com datas congestionando
minha cabeça improvisei em ar menor
sssssshhhh como relaxamento em meio
a uma sequência apropriada de anos do XIX
1818–1836–1854–1872–1890 – oitocentos e a pqp
desfilando como um pesadelo junino de escolinha infantil
ordenados em fila, como sei que apreciaria o libriano que não sou
seguidos de quiproquós históricos e das respostas ilegíveis que me
[definem
aprendendo por isso que em mil oitocentos e não sei quanto rolou
[não sei o quê

II.

mas não é choro

são os olhos e atrás
a garganta e seus
microscópicos
cacos, e o céu
se pudesse
desabava
com o peso
incandescente
do nariz e fossas
agulhadas inundadas
por umas águas pantanosas

é que eu passo a mão na
cara pesada nessa testa
oleosa salgada para
arrancar! e saber
se ainda está lá
um resquício
se ainda há
cara se há
por de-
e – e –
– e –
e –
– e
u
s

013_
animais

clarice
lima

animais

clarice lima

na matinha éramos quem somos, eu e pi.

assustávamos as garças, que voavam como dentes para fora da boca após o soco. com ramos trançados nos cabelos, lambuzávamos as caras de lama e nos fingíamos de mortas no lago. pintávamos nossas bochechas com amoras e elas ficavam mastigadas pelo roxo. ríamos de nossos esboços de ruína e depois nos dávamos banho de gato, lambendo uma a outra por inteiro. dormíamos entrelaçadas feito minhocas no buraco da árvore de jambo. seu peito, meu ouvido. suas costelas, minha mão. seu joelho, minha barriga. sumíamos na grama, engolidas pela boca verde da natureza.

verde-escuro igual o limo do banheiro da escola. verde-decomposição da forma dos sapos pregados no asfalto. verde-doença gêmeo da úlcera da perna de vovó que comia sua carne e não melhorava nunca. as bordas sempre escorrendo, tingindo o colchão de verde-vômito-que-seca-e-não-pode-ser-limpo. vovó se refestelava na colcha manchada, sua camisola branca enverdecendo em um amadurecimento às avessas.

pensávamos que vovó sempre tinha sido assim, um neném enrugado parente da uva passa. lamentávamos, coitadinha, como nossas mães diziam uma da outra em segredo. *coitadinha dela,*

está arrasada. coitadinha, está caindo aos pedaços.

achávamos engraçado isso de falarem das pessoas como se fossem casas ruindo com o tempo, o reboco descascando das paredes, as telhas despencando dos dentes. imaginavam que tinham se construído tijolo por tijolo com suas próprias mãos, que eram sobrados, tão acima de todos. mamãe jurava que era uma varanda com flores e vista para o mar, apesar de não termos mar ou água suficiente para regar as flores. papai acreditava que era uma biblioteca aberta sem perceber que os livros mais importantes eram trancados a sete chaves.

não ouviam o animal dentro deles. não viam a fome com a qual devoravam a carne, o sangue das vacas ainda debaixo das unhas de mamãe quando nos sentávamos à mesa. escondiam os molares nas fotos, não se viam por inteiro no espelho, não percebiam que não podiam ser casas, pois, ao morrer, eram enterrados para virar algo mais.

virou estrela, diziam todas as vezes. no entanto, suspeitávamos que renasciam como árvores. cada copa um cemitério, cada galho uma alma. por isso não subíamos nelas, não queríamos perturbar seu descanso. por isso enterrávamos tudo, para que nascesse de novo. nossos dentes, nossas unhas, os ossinhos de galinha dos domingos. pi uma vez tentou enterrar seu irmão para que abotoasse um estilingue, mas seus pais chegaram antes. a terra era um útero e isso só nós sabíamos de tanto cavar esqueletos de passarinhos. tudo era semente, esperando afundar para nascer.

de passatempo, classificávamos os animais de cada um. minha mãe, um cachorro de lady. meu pai, um bicho de bolinha que enrola quando assustado. o irmão de pi, bem-te-vi que rouba ninho. eu e pi, garças que voam em dupla. vovó, um carneiro com a pata quebrada, escorrendo saliva no travesseiro.

na verdade, a avó era minha. pi, contudo, fingia que também era dela na sua fantasia de que éramos irmãs. todos irritavam dizendo que éramos. *olha como se parecem gêmeas de tanto ficarem juntas*, repetiam parecendo papagaios, mas era só porque nossa pele ficava queimadinha de sol igual. a cabeça de pi era iluminada tal qual uma lâmpada, o cabelo amarelo-milho e os olhos verdes de boas vindas. eu era plantada da terra e mamãe dizia que nunca conseguia lavar toda a minha sujeira. se ela era o sol, eu era suas raízes, crescendo com a sua luz.

especialmente, não queria ser irmã de pi, porque irmãs não se deitam no chão da grama e cafungam o pescoço uma da outra até ele virar melado de meleca e saliva. irmãs não guardam cicatrizes da mandíbula, nem o sabor do umbigo da outra. irmãs se conhecem, só não até os ossos como eu e pi.

inundávamos nossas geografias de modo que, no banho, tínhamos que esfregar bem a sujeira da outra. pele-terra-com-o-cheiro-dela, cabelo-folha-trançado-em-cera-de-ouvido, dedos-galhos-secos-com-a-memória-de-suas-mãos. não tínhamos limites certos entre nós, nem com o mundo. não sabíamos onde ele acabava e nós começávamos, se ele acabava, se nós começávamos.

às vezes, eu deixava um tico da saliva de pi atrás da orelha para carregar sua voz para todos os lugares, sussurrando-me coisas no ouvido. outras vezes, ela trançava seu cabelo ao redor do meu pescoço e cortava a ponta fora. ficava rodeada de seus fios e me sentia dela. o cordãozinho era amarelo-manga e dava vontade de morder. carregava ele para casa em meio aos dentes, embaraçando os fios na língua que nem fiapos de fruta. já devia ter uma floresta de cabelos de pi em minha barriga, uma bola de lombrigas amarelas iluminando minhas carnes. já devia ter outra pi dentro de mim, gestada em minhas entranhas.

nem minha mãe nem a de pi gostavam que fôssemos para a matinha, já que, depois, ficávamos um nojo de lama e felicidade. o sangue dos arranhões tingiam nossos shorts. os bolos de lama que levávamos para vovó manchavam nossas blusas e parecia que tínhamos explodido a barriga em diarreia. os dedos voltavam vermelho-roxo-azuis de tantas frutinhas. nos sentíamos profetas por imprimirmos destruição em nossos corpos sem que ela nos atingisse de verdade.

minha mãe botava medo dizendo que Deus castigava meninas desobedientes e que o mais importante era temer a Deus. tudo que se devia temer era Deus. *quando as árvores rugem, é a raiva Dele*, ensinou ela, *elas não rugem para vocês?* rugiam, só que era menos um grito e mais uma dança bonita que enlouquecia nossos olhos. quando os galhos começavam a rodar, nos abrigávamos sob as copas e xingávamos de sua escuridão. longe dos olhos Dele, esperávamos que o mundo reconhecesse a ameaça de nosso desprezo, o animal rugindo em nossos umbigos que se divertia com o que era atirado para lhe machucar. copiávamos os gestos de raiva dos céus e não morríamos nunca.

decidimos um dia levar vovó para a matinha para ela também perder o medo de morrer. não paravam de rezar à sua volta. *Deus, tenha piedade. Deus, a vida eterna. Deus, ela fez tudo certo, por que não a livra de sua dor.* sendo a matinha um esconderijo Dele, terra de nossas próprias criações, pi sugeriu levarmos vovó para ver se o ar verde não a faria reviver, se não acordaria seus ossos em filetes de flores novas.

quando não restava ninguém em casa e a babá de vovó sonhava no sofá, colocamos o saco murcho que era seu corpo no carrinho de feira e a levamos felizes para passear.

mamãe dizia que o essencial era saber o jeito de sair, porém,

com a matinha, era preciso saber o jeito certo de entrar. ela ficava atrás da escola. na entrada, papéis de pirulito e bitucas de cigarro na forma de ossos quebrados. uma virada errada e lá estariam os balões de bebês mortos. eu achava que eram as garças que traziam os bebês até pi me explicar que eram os homens que davam seus balõezinhos de beber às mulheres para que ficassem barrigudinhas. queríamos levar um balãozinho para a tia márcia da pi, que não achava homem para lhe dar de beber e chorava tanto por isso, mas tínhamos medo de encostar e ficarmos buchudinhas também. com vovó conosco, decidimos levar esse presente. pi fez do seu vestido a primeira cama da alminha e despejou-a nas mãos de vovó, que era seca e não tinha risco de engravidar. brincou com ela feito menina. o ponto certo de virar era onde o murmúrio do lago começava a cantar. a matinha ficava ao fundo, onde você podia jurar que não havia mais nada. era ali o início de tudo.

chegando na nossa clareira, esticamos os braços para vovó compreender a imensidão de nosso território. verde até onde as vistas alcançam, longe de todos os dedos dos homens, longe de todos os olhos de Deus. era um dia de sol, no qual um mar crescia do suor em nossas testas e a terra zumbia animada.

os olhos foscos de vovó se esbugalharam, cresceram até acreditarmos que iam explodir suas órbitas. suas mãos se estenderam como ramos recém-nascidos e o balão escorregou de suas mãos. as garças aproximaram-se e o bebericaram como geladinho. rimos de nosso conhecimento das coisas vivas. afinal, vovó recordava do seu coração.

lançamos seu corpo no chão e lhe mostramos tudo que havia. nossas coroas de graveto e nossas saias de grama. nossa massa de bolo de terra e nossa maquiagem de cascalho e urucum. nosso

tapete de pétalas rosas e nossa casa no buraco da árvore.

vovó suava em bicas e arfava em imitação de cachorro, acho que emocionada de ver o céu além da prisão da janela pela primeira vez. nunca a tinha visto do lado de fora. resgatamos vovó das sombras e ela podia enfim ser quem era.

nós a empurramos até a entrada de nosso quarto, cocô de garça fazendo fralda em seu bumbum, e a deitamos dentro da árvore. queríamos que, ao menos hoje, dormisse tão bem quanto nós. enterramos sua perna bichada na esperança de que germinasse outra. uma oferenda para a terra a fim de que vovó acordasse corada e corajosa contra a doença. até a regamos com um pouquinho do suco de bebês e da nossa saliva.

enquanto vovó roncava alto, com o fundo da árvore transmitindo seu som em todas as direções, fazendo a matinha respirar viva, eu e pi perseguimos as garças. mordemos todas as frutas que estavam nos pés, batizamos nossas almas com xixi de macaco, corremos de pernas para cima, com os pés segurando as nuvens. *pode descansar, papai do céu. deixa o trabalho para nós que ainda somos novas e fortes e sabidas.*

nos sentimos radiantes e poderosas, antecipando as chuvas de agradecimento quando levássemos vovó de volta, aprumadinha conforme a casa que mamãe sonhava que ela um dia voltasse a ser. e tudo por nossas mãos de folha, com terra incrustada debaixo das unhas. por nossa fé de estação, que só conhecia a repetição do desabrochar. éramos nós que sujávamos nossas mãos no parto.

quando cansamos do nosso milagre, nos aninhamos na beira do jambo. enrolei-me pequena dentro dos braços de pi e imaginei que eu era um bicho-da-seda e ela, meu casulo, guardando minha transformação, nós duas vigiando a metamorfose da vovó em linda borboleta.

abri os olhos quando o sol despencava e as cigarras arranhavam o céu de dor. pi dormia ainda, com círculos de terra em volta dos olhos. vovó também estava entregue ao sono, ressonando alto em disfarce de morcego, pesada no chão, enraizada por sua perna subterrânea. as suas rugas arqueavam em mil sorrisos e o fim de luz a cobria com um manto de sombra.

tentei tirar sua perna do buraco, ansiosa por vê-la nova em folha, mas a terra a engolia sem piedade. acordei pi e nós duas puxamos as banhas de sua coxa. jogamos cabo de guerra com o chão e temi que a corda de pele estalasse em nossas mãos. a boca marrom do solo a cuspiu e a boca de vovó rasgou a tarde em duas. com poeira nos envolvendo em um abraço duro, entrevi um pus escuro vertendo da casca da ferida, como se a terra quisesse agora fugir de sua carne e reaver seu lugar no chão. levava vovó junto.

saímos correndo à procura de nossos pais. descobrimos que, enquanto dormíamos, nosso paraíso converteu-se em um labirinto infinito, com galhos invisíveis chicoteando nossas bochechas e o chão se abrindo em novos buracos por segundo. nunca tínhamos sido assim maltratadas pela matinha e nos perguntamos se Deus só acordava a noite para nos aterrorizar.

voltamos suando sangue em nossos joelhos e com a sinfonia terrível de ambulância em nossos cabelos. pela primeira vez, eram os adultos que estavam em nosso encalço, perseguindo nossos passos e perdidos sem nossa guia. entregues ao nosso saber e furiosos por suas fraquezas.

mamãe viu sua mãe caída como tronco, casa que chutamos as rachaduras até desabar, e estendeu as mãos ao céu. todas as lâmpadas de estrela se apagaram no telhado de sua cabeça.

semanas passam e nosso enterro funciona porque vovó renasce uma árvore de plástico. um milhão de tubos transparentes enraizando-a ao mundo de cá, sua pele empoçada em roxo de fruta murcha, seu machucado preto de terra profunda. o mundo renasce em chuva que empapa o verde e nos enfurna em casa. sufocamos como em estufa e murchamos. os pescoços moles em direção ao chão, desistentes e envergonhados de suas crenças. as mãos dormentes, culpadas da morte que botaram para nascer. nós renascemos outras que não conhecemos e temos medo de quem podemos virar. Deus cresce em nós como árvore e reviramos na agonia de seus anéis.

copiando casa velha, tudo esmorece e pensamos que é isso que o tempo faz. nos tranca do lado de dentro, sem chance de escapar. mamãe se desmonta pra ver se reconstrói vovó. pi nunca mais se mexe e deixa seu fogo de palha se extinguir nas pontas. eu me pergunto, muda, o que sou sem o sol dela me queimando o cocuruto. acanhadas do que agora sabem, minhas raízes param de crescer. até a matinha apodrece e não sabemos se é vovó que a contaminou ou se a doença só estava à espera de ser parida por mãos ainda cobertas de talco. se é Deus nos punindo ou a razão de nossas mães se provando certa. se há diferença entre ambos. fomos expulsas do mundo e ele agora nos domava, nossos bichos guardando os dentes e a voz.

começamos a ver o que nunca antes tínhamos visto. a remela nos olhos das garças, suas plumas enferrujadas dispersas em lembranças de tardes passadas. o azedume das frutas, a ranhura nas folhas feito as veias das mãos de vovó. a espuma fedida do riacho, a sujeira gosmenta e informe das explosões de bebês. a semelhança das cicatrizes de nossas mordidas com ataques de bichos loucos, o latejar infernal do sangue nos ouvidos. o mundo se deteriorando, a terra vertendo água como que ainda

regurgitando vovó para fora e para sempre.

num dia cinza, o telefone toca em minha casa e corremos arrepiadas com os braços empunhados em defesa, a visão de duas garças assustadas. ao chegarmos na matinha, descobrimos que nossa casa de jambo desmoronou. uma ventania levantou suas raízes, ignorando a fortaleza que ela sempre nos foi. descobrimos que, abaixo dos seus pés, só o vazio nos encarava.

agachamos na terra e não reconheço nossa casa, nem o mundo, nem pi. ao meu lado, ela pulsa, não mas pi, mas uma ferida aberta, vermelha e desperta. suas costas arqueiam transformadas nas de um gato, os pelos da nuca eriçam e seus dedos apertam o preto, tentando agarrar o que quer que fosse que restou do que antes era.

ela se aproxima do estômago oco e vomita sobre o túmulo de nosso passado. amarelo-agonia manchando o verde-ralo, ela arranca musgos da base do tronco e limpa a boca. quando se vira, seus lábios estão manchados de terra e bolor, uma flor desabotoada a espera. verde-abandono. verde-aflição. verde-tanta-culpa-sem-perdão. miro no fim e a acerto com força, esperando morrer por isso.

014_

versão final
(nunca é)

gaia
abulquerque

versão final (nunca é)
gaia abulquerque

são paulo, 12 de junho
sábado

novamente, se é que há semelhanças, a mente corre ao desconhecido já cruzado.

bagunça controlada, como de costume, mas que incomoda. desejo arrumar, tornar ao que era, mas parte de mim quer reorganizar o quarto inteiro. adquirir novas coisas que emanam maior conforto (mas que evocam uma aversão ansiosa). gosto das que possuo. ainda assim, esses travesseiros geram incômodo ao pescoço. trocar o lado, sentir o gelado tocando a pele — dura pouco.

poderia, então, dividir, misturar o que já tinha com o que pareço — ou sinto — querer muito em minha cama. o preço é alto. estou sem óculos e, na etiqueta, o que leio me causa fortíssima impressão de ir além do que me disponho a pagar. o vendedor insiste. ainda não me decidi se estou dando brecha ou se ele precisa mesmo dessa venda para bater suas metas. cada minuto que passo nessa loja me ruma ao risco de comprar os benditos travesseiros. da última vez que estive aqui e não levei, voltei pra casa refletindo sobre o conforto projetado. eram bons mesmo? essa loja não permite a testagem. se forem ruins, devo conviver com eles em meu quarto e com o ciúme dos outros travesseiros.

não levo. ainda não.

— volto outro dia.

são paulo, 16 de junho

quarta-feira

preciso deitar ao pé deles. ter certeza. que me façam o convite ao pé do ouvido. os antigos, vou lavá-los. perdê-los é um preço que não pago. escutaram o que meu cérebro sonha. são parte de mim. são parte de mim porque meu cérebro escorre espesso pelo ouvido direito.

durmo de bruços, abraçando o travesseiro.

acordo com dor nos ombros e no pescoço. drauzio varella disse (ou estou inventando?) que não há pior posição para a coluna.

insisto.

me é comum, confortável.

a dor é, em última — ou primeira — instância, um suplício do prazer.

são paulo, 18 de junho

sexta-feira

retorno à loja.

dessa vez, com andar confiante e os olhos decididos. nos bolsos, notas de dinheiro. sinto que há anos não carregava dinheiro. escolhi fazer. precisava do peso da moeda suja, do gelado aos dedos, assim não esqueço o que faria ali. tomei uma decisão: vou comprar novos, benditos travesseiros, e também uma nova colcha, um novo colchão, novos panos de bunda, novas coisas.

o vendedor sorri.

— olá. voltou.

— voltei.

— vai levar os travesseiros?

— hoje, sim.

faço uma pausa.

— estou decidida. e ainda quero um colchão, colchas, edredons, lençóis, tudo o que se pode colocar em uma cama.

ele me olha desconfiado por um instante.

— a vida há de ser diferente.

devo parar de dormir de bruços.

devo dormir de barriga para cima,
com os braços cruzados,
como uma múmia, olhando para o teto,
olhando para o teto branco até pegar no sono.

depois que pegar no sono, devo sonhar com coisas quadradas.

devo sonhar com início, meio e fim.

devo lembrar, no dia seguinte, de anotar tudo o que sonhei.

prometo que vou anotar os meus sonhos.

devo dizer para mim mesma, antes de dormir:

amanhã, outra vez.

olhando para o teto.

para a parede branca.

sonhar reto.
sem espirais.
e repetir isso todos os dias,
porque há de haver uma rotina.

não?

*Escrever é o mesmo processo do ato
de sonhar: vão-se formando
imagens, cores, atos, e sobretudo
uma atmosfera de sonho que parece
uma cor e não uma palavra.*

vou levar.

— ensacole tudo.

Clarice Lispector

vou pagar em dinheiro.

agora não tenho medo.

me livre das moedas, que me reste apenas o lado gelado dos
travesseiros.

separe tudo:

colchas,

lençóis,

edredons,

travesseiros.

coloque tudo na mesma sacola,

uma sacola enorme,

que caiba todas essas coisas,

todas elas bem dispostas,

bem organizadas.

o vendedor começa a separar os itens.
acompanho seus movimentos.
não vou mandar caminhão nenhum.
vou levar tudo comigo,
no braço,
nas costas.
vou andando até minha casa,
são paulo,
viadutos
caminhões
pessoas
sussurros
bolsões de silêncio
gritarias surdas
a angélica inteira,
a são joão, de cabo a rabo
cruzando a augusta,
sem fazer as pazes com a consolação,
com um colchão nas costas
e tudo o que se pode colocar sobre um.
chego em casa.
jogo tudo no chão.
deito,
de barriga pra cima,

olhando para o teto,
com os braços cruzados,
mumificada,
e então,
não sonho quadrado,
durmo de bruços,
me torno inteira espiral.
ao acordar, nada anoto.
amanhã deixo escorrer pela orelha esquerda.
isso vai mudar tudo.

julho

não sei que dia é hoje

o vendedor me visita em sonhos, me trazendo presságios infantis,
um mensageiro de meia tigela tingido por reflexões meia boca,
todas cheia de certeza, amontoadas de critério oco. olhar pro teto é
pior do que olhar pro espelho sob efeito de cogumelos mágicos.
ainda mais quando ele é branco. essa ausência propositada e reta é
por onde faço as curvas.

se há certeza de algo é que esses travesseiros eram de má
qualidade.

a cada semana que passa eles admitem formas indistintas que mais
parecem esculpidas com foco em me desconcertar. bolsões, que
imagino cheios de pus, me causam tosse e dor no pescoço.

esses artefatos perigosos se tornam caricaturas de si mesmos a cada
noite que me reviro sobre eles.

o vendedor me disse, enquanto eu sentada vigiava a porta, que eu não os deixo descansar.

argumentando com seu reflexo digo que me vendeu matéria mentirosa.

ele me aponta com meu próprio dedo no pico do rosto.

o silêncio é oco.

me vejo conluída em um chão de taco.

ontem passei pano, mas essa madeira não brilha.

preciso ir à loja comprar verniz.

talvez pintar essas paredes.

todos os confortos fugiram do meu quarto.

não sei se durmo acordada, se sonho alerta ou se perdi a visão.

*tudo tanto muda que fica igual*¹

015_

vadio
do bem

alexandre
duim

Lembrar dessas histórias é melhor que uma chupadela no cangote com aquela beicinha gorda da Angelina Jolie. Fico embasbacado. Benvindo, seu filhadaputa. Eu trocava uma lambisqueta no cangote com a beicinha da Angelina. Oquêi, trocava fácil. Só pra lembrar de mais um feito seu. *Ô Dorival, desce mais uma faz-favor, meu lindo! E aquele engasga-gato? Aquela amarelinha cochilada na amburana. Me vê um teco pra eu esquentar a goela.* Nada nessa vida faz muito sentido mesmo. Ê, Benvindo. O homi é diferente. É como disse a indefectível Marisa Monte quando afirmou que entre tanta gente chata e sem nenhuma graça ela encontrou alguém lá que é tão legal que ela não quer que a pessoa vá embora, ao ponto de ficar implorando durante, no mínimo, uns quatro refrões. Embaixador do conagraçamento. Outra frequência. Melhor dizendo, é todas as frequências. Benvindo é AM e FM. É Ondas Tropicais. Figurão da euforia. Dessas pessoas raras. Bon vivant. Sujeitos assim vêm de microlote. São esporádicos. Ninhada pouca. Item de colecionador. Vadio do bem. Palaciano da sem-vergonhice. Doidivas da concórdia. Porta-bandeira da desopilada-18-quilates. O mandachuva. Já tentaram subornar a lenda umas 15 vezes. Pensa comigo. Se ainda não tentaram te subornar, talvez você não seja tão importante assim. Ele é. Mais valioso que a Playboy da Cláudia Ohana —

aquela cerdosa edição de 1985. Ô. Com a Claudia Ohana eu me casava amanhã, facim, facim. Benvindo é do tipo que deixa que digam, que pensem, que falem. Saqualé? Com a mãozinha do Jair Rodrigues saçaricando pra cima e pra baixo naquela dancinha marota como se fosse tapioca virando na frigideira. Sem mais, Benvindo é happy end.

O filhadaputa viveu bem vivido, se pararmos pra pensar. Fez bem feito. Antes de tudo, seu nome é uma baita predestinação. Benvindo é metalinguagem. Em pessoa. E temos de começar a dissecar por aí, sem a menor puxa-saquice. Não sou manteigueiro, aviso logo. Vai babar ovo na mansão do caralho. *Brigado, Dorival, meu lindo! Uma lágrima vai pro santo.* Eu digo puxa-saquice porque, não me leve a mal, mas o cidadão sempre foi benquisto mesmo. Sempre fez da vida uma boa festa. Valei-me minha Nossa Senhora de Guadalupe. Como é benquisto. Portanto, bem-vindo. Literalmente. Aquele literalmente, literalmente mesmo. Porque tem gente que usa literalmente e a coisa nem é literal. É sem exagero, sem figura de linguagem. Benvindo é jura de mindinho. Tem por característica ser característico. Desde fedelho aprendeu o que é antropônimo. Ou seja, que isso significa um nome próprio. De pessoa. Nome de gente. Bem-vindo, Benvindo. Foi o que mais ouviu na escola. E em tudo quanto é lugar depois. Em tudo quanto é birosca.

Sempre bem-vindo.

Da missa ao bordel. Da quitanda ao museu. De Bangladesh a Itapetininga. Missão complicada, haja vista que o mundo é fabuloso, mas o ser humano não é legal. O boa praça sempre soube fazer amizade. Puxador de assunto faixa-preta desde o Jardim II com a Tia Meire. Bom malandro. Mas também pudera, é a gentileza em pessoa. Mistura de Homem da Gravata Florida

com Jeremias, o Bom. Isso eu escutei da boca do próprio Ziraldo, na frente do Jorge Ben.

O diabo que carregue quem disser que não foi. Com Benvindo, a estátua que caga no pombo. Panteão da ternura. Voz de veludo. Um gentleman. Benvindo é requinte. Um lorde inglês, manja? Tu não chega a ser um Sean Connery, Benvindo. Não é pra tanto. Ou é? O Sean Connery também tem voz de veludo. Também tem um borogodó de galã. Acho, inclusive, que o Tarcísio Meira queria ser o Sean Connery. O Sean Connery de Guaratinguetá. Também tinha borogodó. Mas o borogodó dos dois nem se compara ao borogodó do Benvindo. Oquêi que o Sean Connery tava voando alto ali no 007. Início dos anos setenta e pá. Sobrancelhas marcantes gangorrande no meio da testa, tipo elevadas mais de um lado que do outro quando o James Bond tava carregado na desconfiança, se o Goldfinger tramava vender ouro radioativo clandestino no mercado de Camden Town usando aviõezinhos vestindo placas de homem-sanduíche com os dizeres I SELL GOLD. IN MY HAND IS MORE CHEAP.

O Seanzinho também empenava o supercílio quando pitava um cachimbo pomposo e reluzente. Ou quando pitava um cigarro Chancellor, o fino que satisfaz. Claro que não era Chancellor, o fino que satisfaz. Não devia ter Chancellor, o fino que satisfaz na Inglaterra, só aqui no Brasa. No máximo em Puerto Iguazú. Mas na minha cabeça era Chancellor, o fino que satisfaz, porra. Só pelo slogan. O fino que satisfaz. Eu queria ser garoto-propaganda do cigarro Chancellor, o fino que satisfaz. Sean Connery daria um bom garoto-propaganda do cigarro Chancellor, o fino que satisfaz.

Há quem diga que, pensando em estado de espírito, o Roger Moore foi o melhor 007. Isso porque se parecia mais com o Benvindo. Espirituoso. Espirituoso até demais pro meu retrogosto.

Benvindo é espirituoso, mas numa escala espirituoso-lorde, é mais lorde. Portanto, Sean Connery. Mas com aquele cabelinho lambido de 007 do Sean Connery, não se pareceriam fisicamente nem aqui nem na Baía de Todos os Santos. As feições caucasianas do Bond, James Bond, não chegam nem perto da boniteza acaboclada de Benvindo.

O cabelo lambido seria impraticável por motivos de franja. O indivíduo ostenta um pega-rapaz de causar polvorosa em frívolas freiras Carmelitas sem dó nem qualquer piedade cristã. Quem tem dó é o violão, né, Benvindo!? Sua franja é mais ortodoxa, imaculada e, por que não, beatificada, que as irmãs Ursulinas do Coração de Jesus Agonizante. Filhadaputa. E quem vê regateiro assim nem imagina as dívidas que já contraiu. Tão galante, aparenta ter a vida ganha. Mas não. Esforçado, sempre trabalhou. Deus dá as cartas e a gente joga, dizia. Venhamos e convenhamos, nem todas as jogadas são lucrativas, num é mesmo? Por vezes, acumulou pendências monetárias. Mas o passivo nunca foi maior que a franja. A franja do bacana parecia ter vida própria. Uma entidade. Señora franja. Ela rebola gostoso. Ela se movimenta, manja? Numa escala boniteza-franja, é mais franja. Aquilo não é franja. Aquilo é Sexy Iemanjá misturado com a noite vai ter lua cheia. É Pepeu Gomes cantando quem eu amo vem me ver. Um croata, certa vez, tentou patentear a franja do Benvindo no INPI. Tem que tomar cuidado com essas coisas. Feladaputagem. Há quem jure que já viu a franja dele fazendo um moonwalk ali na Praça do Guajerú. A rapaziada do merchandising criou o boneco do posto inspirado nela. O bom do Benvindo é que ele vem com a franja.

Cara, todo mundo merecia ter convivido com o Benvindo. Conviver com o Benvindo é tipo cheirar café na perfumaria. Ele faz “limpeza de nariz”. Se você tá confuso na vida ou misturando as

Benvindo é espirituoso, mas numa escala espirituoso-lorde, é mais lorde. Portanto, Sean Connery. Mas com aquele cabelinho lambido de 007 do Sean Connery, não se pareceriam fisicamente nem aqui nem na Baía de Todos os Santos. As feições caucasianas do Bond, James Bond, não chegam nem perto da boniteza acaboclada de Benvindo.

O cabelo lambido seria impraticável por motivos de franja. O indivíduo ostenta um pega-rapaz de causar polvorosa em frívolas freiras Carmelitas sem dó nem qualquer piedade cristã. Quem tem dó é o violão, né, Benvindo!? Sua franja é mais ortodoxa, imaculada e, por que não, beatificada, que as irmãs Ursulinas do Coração de Jesus Agonizante. Filhadaputa. E quem vê regateiro assim nem imagina as dívidas que já contraiu. Tão galante, aparenta ter a vida ganha. Mas não. Esforçado, sempre trabalhou. Deus dá as cartas e a gente joga, dizia. Venhamos e convenhamos, nem todas as jogadas são lucrativas, num é mesmo? Por vezes, acumulou pendências monetárias. Mas o passivo nunca foi maior que a franja. A franja do bacana parecia ter vida própria. Uma entidade. Señora franja. Ela rebola gostoso. Ela se movimenta, manja? Numa escala boniteza-franja, é mais franja. Aquilo não é franja. Aquilo é Sexy Iemanjá misturado com a noite vai ter lua cheia. É Pepeu Gomes cantando quem eu amo vem me ver. Um croata, certa vez, tentou patentear a franja do Benvindo no INPI. Tem que tomar cuidado com essas coisas. Feladaputagem. Há quem jure que já viu a franja dele fazendo um moonwalk ali na Praça do Guajerú. A rapaziada do merchandising criou o boneco do posto inspirado nela. O bom do Benvindo é que ele vem com a franja.

Cara, todo mundo merecia ter convivido com o Benvindo. Conviver com o Benvindo é tipo cheirar café na perfumaria. Ele faz “limpeza de nariz”. Se você tá confuso na vida ou misturando as

coisas, ele te volta pro eixo. Um tempinho com o Benvindo ajuda a resetar o propósito. Que nem café faz com o olfato na loja de perfumes. Nosso café: uma fungada no Benvindo e a gente fica livre pra sentir novas fragrâncias, novos aromas. Dito isso, repito: todo mundo merecia ter convivido com o Benvindo. É. O Benvindo merece ser de todos. Quiçá, todo mundo merecia ter um Benvindo pra si. Todo mundo não, que é gente demais. E, pensando melhor, nem todos merecem. Se bem que Benvindo não é meritocracia. É a prova cabal e a mais pura evidência científica de que o Universo é generoso. E generosidade é o imperativo biológico do malandro.

Benvindo é dádiva. É produto da mais virtuosa e orgástica serendipity que a Mãe Natureza já desprenhou via parto normal cuja doula foi nada menos que Afrodite. Resultante da concupiscência da brisa com o mar (escondido, sem contar pros pais). Concebido por um meia-nove tchutchucozo que começou com uma chupadix na chapeleta prevaricada de Pachamama com o deus Sol — de noite, só pra pirraçar a Lua. Tantsqui, em se tratando de concepção, a mãe do Benvindo (a mãe mesmo, carnal) tinha de ter uma estátua de bronze como homenagem, lá em frente ao STF, em Brasília. Nada de escultura de Têmis, nada de olhos vendados, nada de balança na mão. Tinha de ser tu madrecita segurando numa mão o bebezola fofucho e peladão com a pingola de fora, e com a outra, acenando um sinal de paz & amor. Sua mãe é semiMaria. Se parar pra pensar, é. Uma das ligeiras diferenças é que quando ela embuchou do Benvindo, já não era, por se dizer, tão cândida como a Nossa Senhora. Com o devido respeito. Respeito à mãe do Benvindo nesse caso, porque Maria de Nazaré teria muito orgulho de bem-aventuradamente parir o bem-aventurado Benvindinho. Benvindo é a benquerença encarnada. Ô! Cuméqui não pensei nisso antes? Se fosse pra que Jotacê tivesse

um irmão, que fosse o Benvindo. Irmão mais velho, pra dar uns conselhos. Benvindo é reto. Nada mais justo que Benvindo. Apesar de desordeiro, oquêi. Filhadaputa. Gênio. A vida toda, você alinhado, comandando a cena; os outros suando na fila. Como bom brasileiro soube viver entre a piada e o pecado. Porra cadê você Benvindo, que saudade dolorida. Vai entender.

016_

sapatinhos inadequados

victor
cruzeiro

sapatinhos inadequados

victor cruzeiro

— Então... era sábado!

— Não! Era domingo! – interrompeu a velha Vargas. – As apresentações eram sempre aos domingos.

— Que seja, então! Era domingo! Mas aquele domingo foi diferente, porque assim que começamos a sair, foi formando uma multidão do lado de fora...

— Isso! Uma multidão em volta de um pequeno círculo que os bombeiros tinham feito com uma faixa verde e rosa improvisada... uma faixa de tecido, não era?, do próprio circo, com aqueles sininhos dourados! Acho que era de um número com cavalos, não era?

— Não sei, Irma. Não me lembro... Será que você me deixa continuar?

— Oy! Continua... continua!

— Daí os bombeiros fizeram esse círculo com a faixa verde e rosa...

— Eu me lembro bem... dos sininhos... Eles tocavam e tocavam, enquanto as pessoas se espremiavam em volta, se acotovelando!

— E os bombeiros seguravam um pequeno trampolim, redondo... Foi quando todo mundo olhou para cima... e lá estava ela!

— Porque nós havíamos acabado de sair de um espetáculo, cheio de emoção, com palhaços e mágicos...

— ... e música, com aquela orquestra ao vivo, lembra?

— E eis que, assim que todos saíram, em plena luz do dia, vimos que uma garotinha havia escalado a estrutura toda da tenda e estava lá em cima, trepada em um mastro com uma bandeirola amarela.

— Era verde!

— Não! Era amarela! Era uma bandeirola longa, dessas triangulares, de festa! E ela balançava muito... porque ventava muito naquele dia...

— E lá estava ela, enroscada naquele mastro, na borda da lona branca...

— A jovem Ingredhy... filha dos Bensimon, certo?

— Não! A filha dos Bensimon tinha ido embora faz tempo! Ela era médica veterinária, não era? Ingredhy era filha dos Sabino.

— Certo! Isso! A filha do rabino!

— *Sabino*, Irma!! E lá estava a jovem Ingredhy, balançando no mastro do circo, e todos com medo que ela despencasse lá de cima! Nós fomos chegando perto, para tentar ver melhor, e ver se podíamos ajudar! Claro que todos estavam falando ao mesmo tempo, gritando...

— E lá na frente estavam os pais dela, tentando falar com a menininha, junto com os bombeiros, pedindo que ela ficasse calma

e pulasse no trampolim...

— Lembra do Silveira, o açougueiro? Lá estava ele, falando o tempo todo que a culpa era dos pais, resmungando que as crianças de hoje não tinham mais valores e por isso ficavam deprimidas...

— ... por causa da criação dos pais! Sim! Ah, aquele sujeito horroroso! Amargo! E, enfim, a menina não ia pular, é claro! Ela não estava deprimida. Longe disso! Ela estava se divertindo! Era uma aventura para ela!

— Eu acho até que ela tava cantarolando enquanto rodava em torno do mastro. E todos nós tensos, porque a tenda era inclinada e escorregadia. Ela podia cair a *qualquer* momento!

— A qualquer momento! E eu acho que ela sequer estava ouvindo a gente. Lá de cima, ela devia achar que estávamos só assistindo ela...

— E aquele maldito Silveira, insistindo que era culpa dos pais dela... Aquele pobre casal! Não sei se eles estavam perto o suficiente para ouvir... E então o Alvarenga, o português, professor de piano para a menina, dizem que era muito austero, abriu caminho na multidão e começou a brigar com o Silveira! Lembro que passou por mim, gritando que ele não sabia nada da família para falar essas coisas...

— Aquele velho horroroso não sabia de quase nada, na verdade... Lembra que ele era quase cego? Cego como um rato!

— Lembro sim! Inclusive ele demorou a identificar a garota, dizia que dali ela parecia uma boneca lilás...

— Porque ela estava com aquele lindo vestido lilás, eu lembro... acho que ela deve tê-lo até hoje...

— Pelo amor de deus, Irma! Aquilo foi há anos!!

— Ora, mas ela deve ter guardado! Talvez para a filha dela... Era um vestido tão lindo...

— Que seja... mas lá estava ela dançando naquele mastro e todos nós tensos lá embaixo... Os bombeiros diziam que não iriam deixar ninguém subir, para não assustar a garota. Ela iria pular quando ela estivesse pronta...

— E ficamos lá, todos com medo, a mãe e o pai bradando que a filha descesse... pulasse logo.

— Enquanto o Silveira e o Alvarenga discutiam... se os Sabino eram ou não boas pessoas, responsáveis por ela ter subido ali... E o Silveira insistindo com a coisa de que as crianças estavam deprimidas porque os pais não ensinavam mais os bons valores...

— Então apareceu o Doutor Capanema...

— Ah, é! Ele veio forçando a passagem no meio de todo mundo, porque ele era muito baixinho, se lembra?

— Ah, ele não devia conseguir ver nada lá do fundo, o coitado... Mas era um excelente médico, que Deus o tenha.

— Sem dúvida... Não há mais médicos como ele... Humano, atencioso... e daí ele começou a falar exatamente disso, não foi?

— Exatamente! Ele começou a dizer aos dois como a menina Ingredhy era alegre e cheia de vida... que ele estava sentado logo atrás dela no espetáculo, e viu como ela estava se divertindo... Ele lembrou que... que ela tinha rido até chorar do número daquele mágico que tirava...

— Tirava lenços infinitos do nariz do palhaço, não era?

— Ou o mágico era o palhaço?

— Não diga besteiras, Irma! Mágicos e palhaços são coisas diferentes!

— Bom, mas a coisa era que o mágico tirava um monte de lenços coloridos do nariz do palhaço, e ele ficava berrando desesperado “*meu nariz! meu nariz!*”. Eu me lembro disso! Eu ri muito também...

— Aquele espetáculo foi lindo! Tinha aquela orquestra também, ao vivo, não era?

— Sim! Ah! Faz tanto tempo... eu tinha me esquecido... eles tocavam as músicas mais lindas... não teve quem não se emocionasse...

— Eu lembro de ver papai com os olhos discretamente cheios d’água naquele dia...

— Porque, bem verdade, não acontecia muita coisa por aqui... e quase nada tão especial quanto aquele circo...

— Nada! Ficávamos meses sem qualquer coisa... sem qualquer emoção... A não ser as apresentações do Alvarenga e seus pupilos no salão paroquial da igreja...

— Sempre as mesmas músicas, os mesmos louvores, os mesmos Schubert, Liszt...

— Não seja cruel, Irma!

— Mas o que eu estou querendo dizer é que... não havia muita novidade aqui. Muita coisa nova, arte, sabe? O teatro mais próximo fica a... quantos? 200 quilômetros?

— 260, tenho quase certeza...

— Assim como o cinema. Tivemos um cinema, mas ele fechou quando o dono morreu. Moisés, não era? Ele não teve filhos, e ninguém quis assumir o cinema...-

— Então nós ficávamos ansiosos quando o circo vinha! E aquele, ah, aquele dia foi muito especial!

— E como! E como! Todos nos arrumamos. Todos mesmo... acho que a cidade inteira estava naquele espetáculo...

— Até mesmo o Silveira, aquele açougueiro bruto e cego, que era a pessoa mais ranzinza que eu já conheci! Estavam todos lá! Nas suas melhores roupas. Os pais de terno...

— Com abotoaduras e tudo!!

— Com abotoaduras! E os chapéus? Lembra? Os de abas largas deixavam os homens parecendo aqueles caubóis de cinema...

— Tom Mix... ai!

— E as mães com seus chapéus mais bonitos, com flores, e joias, e brincos, pingentes...

— E os penteados? Lembra deles?

— Eram sempre os mais especiais! As ondas modeladas com tanto zelo e delicadeza, brilhosos, reluzentes... Os cheiros... A multidão era um oceano de cheiros que eu não me lembro em nenhum outro dia...

— A não ser nos casamentos!

— Nos mais chiques, é claro! Vinha com o vento aquele cheiro oleoso da vaselina e do alcatrão... e também as notas mais suaves de azeite, das claras, de salva, anil...

— E os vestidos das mocinhas, os mais bonitos: babados, fitas, laços...

— Aquele vestido lilás da menina Ingredhy. Tão precioso!

— Ele tinha umas fitinhas na barra que balançavam que nem as bandeirolas do circo, não era? Era assim... O vento ia e vinha... E a fita no cabelo dela também, balançando, balançando...

— Ela não estava de cabelo solto?

— Não, não! Ela soltou depois que pulou!

— Bom, não importa... lá estava ela, com esse vestido lindo...

— ... e o Silveira dizendo, sem conseguir enxergar direito, que ela parecia uma boneca lilás...

— E a professora de matemática... como ela se chamava?

— Margarete. Müller.

— Isso! Lembro de ela dizer que a menina parecia um anjinho lá tão no alto!

— E ela parecia mesmo! Ela sorria, brincando nos mastros, às vezes soltava as mãos e corria para um mastro do lado, com a bandeirola de outra cor, daí os bombeiros corriam com o trampolim seguindo ela, e todo mundo ficava apreensivo, achando que ela ia cair...

— Porque de fato ela poderia tropeçar... mas ninguém achava que ela ia se jogar... ah, não...

— Não, aquilo foi só no começo... até entendermos que ela estava *brincando* lá em cima...

— Isso! Estava se divertindo! Ela tinha decidido subir lá para se divertir!

— E isso foi de certa forma reconfortante, principalmente para os pobrezinhos dos pais dela... Mas ainda assim ela precisava descer, é claro! O chefe dos bombeiros seguia repetindo que era melhor

ninguém subir, e ficava instruindo ela, conversando com ela, chamando ela para pular, de um jeito bem de brincadeira mesmo... Era um bom homem, aquele chefe dos bombeiros... Como ele se chamava? Você lembra, minha irmã?

— Não faço ideia, Irma... Acho que era Bento... não sei. Ele não morava aqui, não é?

— Não sei... mas, enfim, o chefe dos bombeiros tentava convencer ela a descer, e ela trepava nos mastros e tentava agarrar as bandeirolas. Não é como se ela não ouvisse, ela só *não queria* ouvir, ela não queria que aquilo acabasse...

— Claro, imagina só, que coisa incrível não foi pra uma criança subir ali! Capaz que ela conseguia ver a cidade toda de lá! Se ela olhasse para a estrada que descia para a praça, ela via até o sino no alto da igreja. Era um mundo novo! A cidadezinha ficava menor lá de cima, mas ainda maior nos detalhes...

— Mais bonita!

— Depois que nós percebemos, não foi? Que naquele dia ela tinha subido e descoberto como as coisas eram bonitas dali. Ela falou muito disso.

— Por dias e dias!!

— E depois que o susto passou, aquele medo que tínhamos que ela ia cair, que ela estava em perigo, a gente acabou percebendo que foi isso. Um *deslumbramento*.

— Foi!! Me lembro do pai dela contando isso. Foi uma tarde na praça, lembra? O Doutor Capanema estava lá, perguntando como estava a nossa aventureira, e o pai contou que a menina disse para os dois...

— Eu não me lembro disso!

— Ela disse aos pais, veja só, que o circo foi tão maravilhoso que ela sentiu vontade de subir lá.

— Ah, meu deus! Pura inocência!

— A mais pura... Mas faz todo o sentido, né? Quer dizer, as crianças... ah, nós todos... não tínhamos muitas expectativas, não é? Digo, de sermos surpreendidos. De sermos deslumbrados... ou mais do que isso... *arrebata*dos!

— Que palavra linda! Que nem na Bíblia!! Subir aos céus sem aviso, né?

— A gente ficava na expectativa quando algum espetáculo chegava, e nos arrumávamos do melhor jeito que podíamos, para ir encontrar algo novo, algo diferente, algo lindo!

— Algo que não fosse as mesmas pessoas, nas mesmas ruas, nas mesmas casas, nas mesmas fainas...

— Isso mesmo! E quando a orquestra começava, quando *aquela* orquestra começou, a gente perdeu o chão! Era como se viesse uma coisa nova, não era? De dentro... Não sei explicar...

— Mesmo sendo domingo, mesmo estando cansados de toda uma semana e já pensando na semana penosa que vinha em algumas horas... de trabalho, de estudo, de mesmice... Veio um ânimo novo!!

— E a gente se deixava contaminar de outras coisas junto com esse ânimo... o riso das piadas dos palhaços, a surpresa dos desaparecimentos dos mágicos, o assombro dos voos dos trapezistas, o medo dos leões rugindo, tudo ficava... mais...

— Tudo ficava mais intenso!! Não era isso? Até o cheiro e o sabor da manteiga que eles derretiam na pipoca, parecia que ela ficava era mais... dourada...

— E a gente não tava esperando por aquilo, não é? Ninguém conhecia aquele circo!! Quero dizer que... a gente sempre esperava um espetáculo novo, por um circo novo... e cada vez que ele chegava era muito mais poderoso do que parecia! Que nem foi aquele...

— Isso dava força pra gente...

— Força é uma boa palavra!

— Agora você me calcula essa sensação para uma criança daquela idade... A Ingredhy tinha o que naqueles anos? Seis?

— Oito, eu acho...

— Que oito o quê, Irma?? Ela não era velha desse tanto não! Não tava na escola ainda!

— Não? Tem certeza? Mas a Margarete conhecia ela.

— Conhecia pela mãe, oras! Que tinha sido aluna dela, provavelmente... Eu acho que ela não tinha começado a escola ainda não! Bom, mas não importa... daí, calcula você como era para uma menina de seis anos aquele assombro todo? A orquestra ao vivo com aqueles instrumentos dourados, embalando aquela corrida de cavalos!!

— A chuva de confetes que caía quando os equilibristas desciam num pulo só!

— Isso, naquela pirâmide de pessoas! Tinha me esquecido!

— Ah, pois isso eu não esqueço nunca! O sorriso daqueles homens fortes, as luzes brilhando nas roupas cheias de pedraria deles, os confetes caindo na gente!

— Imagina o que aquela menina não sentiu? O turbilhão de sensações que não se formou naquele coraçãozinho, de uma só vez?

— E a gente ainda lembrou depois que ela não tinha ido no circo no ano anterior...

— É mesmo!! A mãe dela tinha ido para a cidade, não foi?

— A pobrezinha teve tuberculose, não foi?

— Claro que não, Irma! Por que diacho ela ia levar a filha junto se fosse tuberculosa? Era outra coisa. Coração, eu acho...

— Verdade, eles foram para o litoral, não é?

— Isso, e não estavam na cidade quando o outro circo passou. Que, se eu lembro bem, nem era bom que nem esse. Daí pensa como não ficou o coração dessa menina naquele deslumbramento todo?

— Arrebatamento!

— Daí é claro que ela ia ficar elétrica e tentar procurar algo que fizesse sentido naquela magia que contagiava ela.

— Ela saiu de fininho e encontrou o mastro que apoiava a arquibancada. Pra menino que sobe em goiabeira todo dia, aquilo ali foi fácil pra ela! Ela subiu e ninguém deu falta. Só quando vimos ela lá fora...

— E lá em cima ela dançava e cantava, e brincava com as bandeirolas e sentia o vento passando pelo rosto dela, agitando os lacinhos do vestido, a fita no cabelo...

— E você por acaso já sentiu algo assim?

— Uai, sim, é claro que já....

— Pois pra mim agora você agora tá é inventando coisa pra fazer a história ser mais sua!

— Deixa de ser boba, Irma. Quer ver só? Lembra quando teve a festa da padroeira com a visita do bispo?

— A gente era bem menina, né, mas me lembro de ver a montagem do mastro...

— Pois você lembra que armaram um palco do lado do altar da igreja para aquele coral de meninos da cidade cantar os louvores na missa do bispo?

— Eu tinha me esquecido completamente disso!

— Você sabe que eu nunca gostei muito de música, mas aquilo, aquele dia, não sei, parece que... lembro que na época eu disse pra papai que parecia que eles cantavam dentro de mim. Hoje eu penso nisso como uma... como chama?... um eco, sabe? Aquela música vibrou dentro de mim com tanta força... e eu não entendia nada ainda, porque era latim! Mas eu senti uma conexão muito forte, entende? Uma conexão tão maravilhosa, tão intensa! Não sei dizer tão bem o que foi, mas consigo sentir isso tocando aqui no fundo ainda, como se estivesse aqui, bem, bem baixinho ainda...

— O sagrado é lindo demais...

— Demais...

— Mas eu sei que nem tudo que é sagrado é só o que acontece na igreja... E eu tenho certeza que o que a menina Ingredhy viu naquele circo foi tão sagrado pra ela quanto qualquer reza...

— Que blasfêmia, Irma!

— E eu digo ainda mais: eu digo que esse maravilhamento fez tão bem que ele não pode ser outra coisa além da presença de d'us em nós.

— Deus no circo?

— No circo, na igreja, na cachoeira, na música do rádio... Ele não está no meio de nós?

- Você fala até parecendo que estudou muito de religião...
- E um tempo todo desse vivendo não vale pra entender da vida não? Você deve saber do mesmo tanto. Só não quer dizer...
- Dizer o que?
- Quantas vezes teve esses maravilhamentos...
- Mas é que isso é coisa da infância! Eu tenho essas sensações bem guardadinhas aqui no peito. Eu lembro delas com muito carinho, vez ou outra, eu penso nelas pra tentar lembrar dessa conexão... mas são coisas do passado...
- Pois eu faço questão de lembrar sempre das que tenho e, quando posso, criar novas.
- Criar novas? Quer trepar em teto de circo nessa idade?
- Não! Mas só porque os joelhos não aguentam! É de outro jeito... É deixar as coisas te surpreenderem! Abaixar a guarda que a gente deixa erguida o tempo todo... Daí, quando você menos espera, ó, algo vem, e te apanha, te arreбата, te pega de surpresa!
- E como?
- Assim, ó!
- Assim?
- Isso! Assim!
- Que tipos de coisas são essas, já que você entende tão bem?
- Pode ser qualquer coisa, uma música no rádio, um dia bonito de sol, uma caminhada ali no rio, um passarinho... ali, meus beija-flores que eu alimento e fico olhando às vezes...
- Isso hoje é coisa pouca pra dar essa sensação grande toda, Irma, por isso que funciona mais pra criança...

— Aí você se engana, porque essa conexão funciona muito bem pra mim... ela existe o tempo todo, a gente vai criando muita coisa bonita em torno dela. Pensa que é como a sensação de falar com D'us... quando você sente a ligação, mesmo agora, depois de muito tempo de criança...

— Lá vai colocar Deus na conversa de novo... pensa no que o padre vai dizer...

— Mas não é o d'us do padre ou do rabino! Não é o deus de alguém! É um deus que é de todo mundo, sabe? e daí é de cada um também... Tenho certeza que se a menina Ingredhy conseguisse conversar com todo mundo aquele dia, desse jeito que a gente tá fazendo aqui, ela ia dizer que enquanto ela dançava no alto daquela lona branca, mesmo correndo o risco de cair, ela tava vendo... não, ela tava sentindo... mas também não é só isso... ela tava *experimentando* um deus, que só existiu ali, naquele momento, mas vai ficar gravado pra sempre com ela... que nem ficou com você no coral que você falou...

— Olha, eu não consigo acompanhar essas suas modernidades... mas isso me lembrou uma coisa que faz um pouco mais de sentido dessa história...

— O quê?

— Quando estava todo mundo muito nervoso, ainda no começo, sem saber por que ela tinha subido ali, e a gente foi chegando na multidão, os pais dela avançando pra frente, a mãe gritando desesperada, coitada, eu parei do lado daquela moça que trabalhava no telégrafo... esqueci como ela chamava...

— Sei quem era... a ruiva, de cabelo cacheado, que usava uns óculos grandes?

— Isso! E ela não tava assustada. Ela tinha parado ali, e enquanto todo mundo se espremia, suando, se apertando contra a corda verde e irritando o chefe dos bombeiros, ela só virou pra mim, acho que porque eu era quem tava mais perto dela, e disse: “*Sabe o que eu reparei? Ela tá com sapatinhos inadequados*”, e como eu olhei pra ela sem entender, e sem conseguir responder, ela falou: “*Inadequados. Pra subir ali, sabe? Deve ter dado um trabalhão pra escalar esse poste com eles...*”, daí ela riu.

— Credo! Eu sempre achei essa mulher meio estranha... Eu não entendi isso que ela falou...

— Mas aí é que tá, Irma... eu não entendi na hora também, e acho que não tinha entendido até agora há pouco... porque, na verdade, ela tava ali assistindo aquilo como se ela já soubesse que a menina não tinha subido para se jogar e, sei lá, como se já soubesse que ela tava ali numa espécie de deslumbramento desses, dessa coisa mais mágica que, como você disse, é sagrada e segura também...

— ... como se ela já soubesse que ia ficar tudo bem...

— Isso mesmo!

— Às vezes pode ser... Tem gente que tem essa sensibilidade mesmo... Ela era metida a poeta, eu lembro...

— E não deu nada errado no fim das contas.

— Apesar de todo mundo ter ficado apreensivo, com medo de ela tropeçar, de ela escorregar, parece que a gente também foi entendendo que ela tava ali por um motivo...

— E um motivo que também envolvia todo mundo ali, que também era pra todo mundo ali?

— Pode ser... o arrebatamento tenha sido de todos nós, pra todos nós, e a menina Ingredhy tenha sido um início... um, como chama aquela coisa de carro? Com c...

— Carro? Ca... carburador? Câmbio?

— Não... não... é a coisa que ajuda a... a ficar mais forte...

— Catalisador, Irma... Mas isso não...

— Isso! Catalisador! Aquilo tudo foi uma experiência que encheu nossa cidade de vida naquele dia, quando a gente menos esperava, que não tinha o peso da fé que você descreveu, mas tinha a mesma beleza... a mesma força... tanto que a gente se lembra até hoje...

— Acho que todo mundo se lembra...

— E quando acabou, ou quando já era o suficiente, eu acho, só acabou, do mesmo jeito que veio, que nem assistir um beija-flor ali na janela... ele vem, ele bate as asinhas de mil cores nas peninhas dele, bebe duas ou três vezes nas florzinhas de plástico, se você tiver sorte, você vê a linguinha dele, ele olha pra você por um segundinho, daí ele some de uma vez! Foi muito rápido, mas foi maravilhoso!

— Você devia falar com os meninos da Dona Telma...

— Que Telma?

— Telma... a dona da papelaria, a grega...

— Grega? Com esse nome? Ela não é alemã?

— Alemã, grega, não sei, achei que vocês se conhecessem da sinagoga...

— E o que os filhos dela fazem?

— Mas você também entendeu, não é? Você lembra um pouco da sensação, não lembra?

— Ah, faz muito tempo, Irma... Mas, sim...

— Você lembra como foi?

— Como foi o quê? Que acabou lá no circo?

— Isso.

— E como é que eu vou esquecer?... A menina, Ingredhy, de repente olhou pra baixo, e todo mundo se assustou, porque ela se curvou assim, pra frente, de um jeito que podia cair mesmo, e olhou pra mãe e pro pai. Todo mundo prendeu a respiração! Aí ela só acenou, assim, dando tchauzinho, não sei se pra mãe, pro pai, pros bombeiros, foi pra todo mundo! Foi incrível, porque aquilo acalmou todo mundo de uma vez! De repente, você ouvia a respiração aliviada de todo mundo ao mesmo tempo...

— Eu tinha ido mais pra frente, pra tentar ver melhor, e lembro que vi o Alvarenga, o professor de piano, que era sempre super sisudo, sério... sorrindo e acenando de volta. Um bobo como eu nunca tinha visto!

— Daí ela se aprumou, daquele jeitinho que só criança tem, com os pezinhos meio tortos, se levantou, balançou os bracinhos umas duas, três vezes e olhou pro chefe dos bombeiros...

— Bento! O homem se chamava Bento! Agora eu me lembro!

— ... que tava falando pra ela pular já fazia um tempo. Daí ela curvou os joelinhos, naquelas meinhas brancas e saltou, com os lacinhos e as fitinhas e tudo, direto no trampolim...

— De onde eu tava eu vi bem o salto dela, e vi como o pai e a mãe correram direto para o trampolim, abraçando ela cada um de

um lado, chorando. E eles atravessaram aquela faixa verde e rosa de uma vez, com tanta força que acho que arrebentou em um dos lados, ou só soltou, não lembro onde eles tinham amarrado, mas os sininhos ficaram tocando por um tempo, tlim-tlim-tlim...

— Lá do fundo eu não vi isso, mas lembro bem da figurinha dela pegando impulso pra pular, balançando os bracinhos. O sol já tava caindo, então o céu tava ficando meio roxo, quase que nem o vestido dela, então ela já tava sumindo no escuro e no lilás. O coitado do Silveira não devia estar enxergando mais nada! E dali ela pulou, com facilidade, quase sem peso, que nem uma boneca, um confete, um anjinho.

017_
simulacro

joão
versiani

simulacro

joão versiani

I.



Nem fodendo. Eu tinha certeza que tinha desligado esse bicho dez minutos atrás. O povo do grupo bem que diz que no modo turbo o aplicativo volta sozinho, que o jeito é desligar o celular. Rota do Cavalo? Nem fodendo. Escuro da porra, não tem nenhum poste, não pega sinal de celular, nem



E quem foi o miserento que inventou esse barulhinho. Certeza que mora em São Paulo, tem aqueles empregos com nome de mentira, nem trabalha presencial. Esse assovio agudo, hihhi, os passageiros acham graça, ficam imitando. O cara só não pensou que depois da vigésima, da centésima, da quadringentésima vez que você ouve você se segura pra não arrancar o celular, pra não esmurrar a tela e



Tirar logo o som dessa merda. Três da manhã, deve ser noia. Ou bêbado. Ou os dois. Quinta-feira? Certeza que não trabalha. Vem de onde mesmo? Parque da Cidade. Bom, no caminho de casa é, né. E é aquilo, duas recusas e você perde o foguinho. Aí te tiram

da lista de prioridade, você perde o multiplicador, no dia seguinte roda duas horas até conseguir corrida, e tudo corridinha pequena de gente sem nota, que é porca, que atrasa. E deixar de aceitar também conta como recusa.

Crime por crime, hoje em dia não tem lugar nem hora. Não mataram um moleque no Sudoeste por causa de celular, duas da tarde? E se não tem sinal pra mim não tem sinal pro marginal também, como que ele vai chamar a turma dele? E nem sei se é noia, vai que. O foda é que o retrato não aparece pra gente antes. Pros passageiros aparece a gente lá.

Se bem que porra, oitenta conto.

###

Fala, seus pé de borracha. Acidente na subida do Colorado. Hiluxão veia torada no meio, dá nem pra entender direito. Liberaram uma faixa só, daquele jeito né. Todo mundo para pra ver. Vamo que vamo!

Ponte JK cheia de abelha. Quem tiver de documento vencido, pneu liso, pode achar outro lugar. Pelo jeito Costa e Silva não dá nada. Fala pro passageiro que o aplicativo mudou a rota e mete marcha.

###

Hoje em dia não tem lugar não, Ju. Você vai pro Plano Piloto, assalto. Pro Park Way, estupro. Pra Águas Claras, latrocínio. Até Brazlândia, Ju, que não tem nada, só cerrado, deu pra aparecer assassino. Você ouviu a história, né? O cara entra no mato e some. Mandaram lá dois batalhões da PM, com treinamento especial pra mata,

roupa camuflada, um daqui e um de Goiás, e não pegaram o homem. Diz que além de conhecer a região, nasceu ali, o elemento tem pacto, aí consegue virar toco, a polícia não acha. E semana passada? A menina, funcionária pública, foi pegar carona pra ir pro trabalho, pro trabalho, Ju! No dia seguinte encontram o corpo dela, não vou nem falar de que jeito. O povo passa anos estudando, vira noite, sem descanso, quando finalmente passa, vai começar a viver a vida, a bandidagem chega. Tem que pegar um bicho desse, não é nem colocar na cadeia, é caso de

— Oi, boa tarde. Diego?

###

Adsumus. Tempo desse era pra eu estar aí, cantando no TFM.

*Antes de chorar a minha
Chore a mãe dele primeiro
Porque lugar de vagabundo
É onde trabalha o coveiro*

Ou aí ou na PM. Não fosse aquele dia no TAF, agora era meu terceiro ano de polícia, tava já na rua, quem sabe até promovido. Até hoje não me conformo. Faltava uma barra só. Na última a fiscal disse que teve extensão de pescoço, aí eu já tinha largado o peso. Dei mole também. Faltava ainda o psicotécnico, mas isso aí não dá nada, só botar na justiça. Maluco nunca deixou de ser polícia por isso. Pelo menos esse ano tem prova da PC e dos bombeiros. Tinha que ter outro jeito de entrar. Porra de encher bolinha, fazer redação, soldado tem que mexer em arma, dirigir pra cima dos outros, falar grosso na hora de falar grosso e dar porrada na hora

da porrada. Tudo isso eu sei fazer já. Quando os marginais quiseram me dar golpe eu mostrei. Era lá na beira de Arniqueiras, lembro direitinho. Corrida em dinheiro, hoje eu não pego mais, nem sei se o aplicativo deixa. Chega três pirralhos, parecia voltando do futebol, até com bola na mão, não sei quê tio, deixa a gente no posto. Logo vi, o da frente olhando o tempo todo no retrovisor, o que tava atrás de mim com cabeça baixa. Polícia tem que pegar as coisas no ar. Numa daquelas ruas no meio do nada, o do banco do passageiro destrava as portas, a molecada vaza correndo. Eu já tava ligado, abri junto. Os da direita se meteram no meio das casas, o da esquerda não tinha como desviar de mim, correu pro descampado. O moleque bem que tentou, corria bem, mas eu dou pique de 30 por hora na academia, dá não pai. Antes de eu alcançar, o garoto trupicou, no chão ainda virou pra explicar, foi brincadeira, tio. Tuf. Tava vindo embalado e desci a bica bem no bucho, pique Roberto Carlos contra a França, guri chega deu uma voadinha. O barulho igualzinho bola de futebol também. Engraçado que achei que ele ia gritar, chorar, chamar a vizinhança. Só ficou lá com a boca aberta. Peguei a mochila, dentro tinha uma carteira, tirei duas da azulzinha, joguei o resto no chão. Nesse dia ele foi dormir pensando em mim. E duvido que depois disso qualquer um desses três aí voltaram a roubar de trabalhador. Polícia tem que saber a hora da porrada.

###

E o pior, Ju, você nem sabe. No Parque da Cidade, no centro da República! Do lado do TJ, do Buriti. Dá de noite e vão chegando os carros. Chega um, chega dois, chega quatro, vão se aglomerando, um olha pro outro, faz um sinal e pimba. Não tem vez, não tem ordem, é a rodinha dos prazeres, a ciranda da luxúria. Vai um atrás, dois no

meio, outro só olhando ali com a mão no bolso, outro ali no matinho guloso, e aí começa o trezinho. E é homem com homem, mulher com homem, gente que é cachorro, mulher-homem, anão-cachorro, todo mundo cheirando pó, crack, merla, remédio pra dormir, remédio pra tosse, remédio de cavalo, remédio pra cavalo dormir, e vai dentro do porta-malas, e que malas!, e em cima da moto, e no banco de passageiro, e é drive thru de mãozinha, e é isso naquilo, pé na boca, chuleta, e tudo na boca, e nem posso descrever mais porque esse é um programa de família.

Tem coisa nisso aí! Algum grupo de hacker na internet, alguém do governo. Porque a polícia, e isso quem me disse foi gente lá de dentro, bigode grosso, a polícia não consegue pegar nenhum desses, me desculpe a palavra, Ju, nenhum desses surubeiros! Quando chega, não tem mais ninguém! E se destacam um policial pra fazer guarda, ficar de vigília, aí misteriosamente não vem nenhum pervertido! Nenhuma chupetinha! Eu tenho uma teoria, Ju, e vou falar pra você e pra nossos ouvintes. Mas primeiro uma palavra dos nossos colegas da STRONG, o único suplemento qu

###

Já foi muito melhor, amigo. Isso não é de ouvir falar não, eu vi. Quando começou isso daqui teve nego largando emprego, emprego no Banco do Brasil, pra vir fazer corrida. Gente financiando carro só pra usar aqui, quitando tudo e quitando cedo. Por isso que taxista ficava puto, botava fogo em carro. Hoje, não. Deu uma saturada, né, se você não quiser dirigir tem dez pra entrar no seu lugar. Fora a gasolina, que todo dia aumenta mais.

E se tem reclamação, quem leva é a gente. Outro dia fui levar uma moça lá no Setor de Mansões.

Perguntei logo se era casa normal ou se era barranco, ela disse normal. Cheguei lá, maior pilambeira, ainda tinha acabado de chover, falei logo que meu carro não sobe aí não, pode descer. Dois dias depois chega o resultado da contestação dela, e o erro foi meu. Aí pronto, tive que devolver a grana da corrida, uma nota, vinha lá do aeroporto, perdi a sequência. Logo em seguida passei duas horas rodando e nada, fica pior ainda nesse modo turbo. Pois é, inventaram isso agora, você adere se quiser, aí deu uma melhoria. Você escolhe o preço que acha que a corrida vai dar, e se você vai acertando sobe de nível. E se você não nega corrida, vai subindo o multiplicador, que te dá mais dinheiro. Com o tempo você sobe ranking, por exemplo, prata, ouro. Eu sou diamante. E se você cumpre as missões, no fim do dia pode abrir uma caixinha, que pode te dar mais multiplicador, às vezes até um prêmio em dinheiro, a maioria é cupom de desconto em loja online, loja de videogame.

Se tem passageiro doido? Pra dar com o pau. Já levei golpe de uns moleques, outro dia eu conto essa história. Mas aí comprei essa bicha aqui, ó, xô te mostrar. Tá aí no porta luva. Diz se não é bonita. Amigo CAC que me passou. Parabellum. Tá no nome.

Se queres paz, prepare-se para a guerra
Do latim, *se vis pacem para bellum*.

Música de polícia pra malhar, não sei se o senhor conhece. Nem precisa usar não. O cara vê ela e deixa logo de banca, fica até simpático. E outra: na verdade, quando você anda armado, você fica consciente, muda até o olhar. Porque no fundo você sabe que, se der ruim, tem como resolver. Então se o amigo vem com palhaçadinha, você vai tranquilo, acaba nem precisando mostrar,

o próprio bandido que é esperto já entende. A situação hoje tá difícil, né, gangue do quebra-vidro, gangue da criançada, palhaço matador, não tá mole pra ninguém. Mas tudo tem seu jeito. Por exemplo, se eu desconfio do cara eu vou logo perguntando o nome. Porque se for safadeza, o cara provavelmente roubou o celular e nem sabe direito o nome que é pra dar. Não deixo o nome solto não, dou um nome diferente e peço pra ele confirmar. Se o nome for outro, eu já meto o pé. Mas é possível que o cara olhe direito o nome no celular antes de pedir né. Então o que eu faço é esperar um tempo, o cara esquece da situação, se distrai, e aí eu vou e pergunto o nome de novo. O cara fica nervoso, esquece o nome que deu e só concorda. Aí, né, parabellum, mostro dezessete argumentos e mais um pro amigo se retirar. Assim, não cheguei nessa parte ainda, graças a Deus. Mas precisando...

###



Se bem que. Da Rota do Cavalo pra casa é um pulo. Tarifa móvel, três da manhã. Com essa diferença amanhã já posso sair mais tarde, almoçar em casa. Já facilita. E tem que consertar esse ar, agora com a chuva tá dando essa fumacinha aí, junto com cheiro de meia molhada. E qual a chance de ser um maluco mesmo? De passageiro noturno, a cada vinte um é maluco, e na segunda já teve um, então o próximo maluco deve vir só depois do fim de semana. E essa história de bosque dos sussurros, de orgia no mato, é mais invenção de jornalista pra vender pauta. E se o cara vier de saliência, vai pensar melhor quando eu mostrar o que tem no porta-luvas.



Além do mais, ladrão também dorme. Eu se fosse ladrão não ia pedir carro assim numa hora dessas, quem ia aceitar? E o nome do cara fica no aplicativo, é só a polícia ver no dia seguinte. Bom, mas o cara pode ter roubado o celular. Ou vai que alguém que pediu pra ele, um bebum no bar que foi e aceitou.

Parque Ana Lúcia. Com ela a polícia não foi atrás de ninguém também. Mas aí também era outra história. E aquele casal também, o quê, vinte anos atrás? Parou o carro aqui, foram tirar a roupa, veio um desconhecido e pela janela mesmo matou os dois, um tiro em cada um. Até hoje não pegaram quem fez. A família até hoje tá aí, fazendo entrevista, indo na televisão.

Teoricamente é aqui. Se tinha bacanal, foi todo mundo embora já. Parando pra pensar, de madrugada tem menos gente na rua, e daí menos polícia também. E marginal não bate ponto, pode dormir até tarde... Não vão me pegar outra vez não. Se vis pacem. Onde mesmo que fica a travinha.

Alá o maluco atrás da árvore. Ele acha que eu não tou vendo, mas tá lá. Agachado ainda, fazendo o quê. Porra de roupa é essa. A orgia é real. Do jeito que esse viado tá, todo vomitado, deve estar nem pensando direito. Oitenta reais. Se eu acertar o palpite, ainda aumento o multiplicador, até entro no top 10.

— Wesley?

— Isso.

— Não é isso que diz aqui, não, brother.

— Moço, não, Lucas! Wesley sou eu, o meu amigo que pediu pra mim, tou sem o aplicativo.

Pelo regulamento, posso vazar. Não sou obrigado a pegar corrida de terceiro. Mas oitenta reais...

— Tá bem então, Wesley. Pode entrar.

Vagabundo sentou bem atrás de mim, é alguma treta. Mas esse aí não dá conta não. Cinquenta quilos se muito. Só se tivesse armado, mas esse shortinho não esconde muita coisa, eu já teria visto.

Pelo visto quietou, tá mexendo no celular. Já já dorme. Como é que é mesmo a história do casal do parque. Eles vivem falando disso, acho que outro dia foram naquele podcast de crime. Colocar aqui que até a Rota do Cavalo é chão.

Mas que porra, essa bicha aí parece uma lombriga se contorcendo. Aquilo é uma faca? É agora. O teste. Se der outro nome eu atiro.

— Qual teu nome mesmo, irmão? Caetano?

— Isso mesmo.

II.

— Impossível te buscar aí, véi, impossível.

— Tá um escuro da porra aqui, vai aparecer alguém pra me roubar, ou sei lá, pior.

— Mas aí o problema é seu, né, Wesley Caetano. Você sai da festa, não avisa ninguém, aí dorme no meio da rua e acorda às 3 da manhã me pedindo carona. Não dá pra andar até uma parada de ônibus?

— Ônibus pra lá agora só passa às 6, e nem é em frente da minha casa. Até eu chegar, já me fodi. E tou sem carregador. E tou sem aplicativo no celular, não tem mais espaço pra instalar nada.

— Puta merda. Já vou pedindo um carro pra você aí.

— Mas será que

— Será que nada. Só tem o carro do meu padrasto aqui, enorme, nunca nem dirigi, ia ter que pegar escondido. E tou totalmente embriagado, foram umas duas garrafas de vinho, fora os shots, os becks. Você sabe que eu quero prestar pra delta quando acabar o curso, e lá eles veem vida pregressa, conduta ilibada e tal, e coisa de trânsito eles sempre pegam, e a justiça não reverte.

— ...

— Você deve estar engraçado aí de Sailor Moon. Não tá frio não?

— Se foder. Vou desligar aqui que tá em 5% já.

— Te mando quando ele confirmar.

No reflexo da luz da lua na tela preta, Wesley percebeu que estava mesmo engraçado. A ideia era ir ele de Sailor e a Marina de Mascarado. Depois ela achou mais fácil ir de Luna, depois acabou desistindo de ir. Qual a última memória da festa? Cenas curtas: todos fazendo caipirinha, uma discussão pela playlist, mais algum drama, corrida escada abaixo, depois porta afora. Talvez alguma pista nos bolsos quase ornamentais do short? Um cigarro mentolado pela metade, uma tampinha de cerveja, uma batata bolinha ainda crua. E no outro bolso o canivete. Pelo menos ninguém vai me pegar aqui, qualquer coisa só mostrar.

Olhou a tela bloqueada: ligações perdidas de pelo menos cinco origens diferentes. Amanhã será um dia de explicações.

Exceto a pista, quase tudo invisível sob as sombras, incluindo o estacionamento. Ao longe, o lago, já sem cisnes. Silêncio total. Pelo menos hoje não choveu.

Parece que o carro já tá vindo. HB20. Não que fizesse diferença saber, carro é tudo igual, tirando fusca e kombi. Mas esses não vêm no aplicativo.

Nesse breu até que faz sentido a tal história de fazer suruba no parque. No tiktok tem um povo que fala, até mostra supostas filmagens. Todo dia inventam uma dessas. É sequestro na rodoviária, bandido invisível, motorista que solta gás tóxico no passageiro. Nem faz sentido isso, só se o cara tivesse com máscara de mergulhador e cilindro de oxigênio pra ele não cheirar também. E se ele sumisse com o passageiro era o crime mais fácil do mundo de resolver, só ver no aplicativo.

Será que dá tempo de ir ali rapidinho antes que o carro chegue. Tanta árvore. Tudo bem que eu dormi na rua, mas pelo menos não me mijei.

Um carro chegando ali, vermelho, deve ser ele. Mas que porra, o filho da puta tá armado. Eu vi. Já guardou do lado da porta. Não pode ser outra coisa, era uma pistola. Eu vi.

O vômito veio sem aviso, deu tempo só de agachar. Ficou olhando para a massa gogosa, puro bile e cerveja.

Vamos pensar. Era uma pistola. Não tem como eu ter imaginado. E esse jeito dele aí de miliciano, gordo e forte. O cara vai me despachar mesmo, vai roubar meus órgãos. E se ele for da polícia, pede pra sumir com os dados, nunca vão saber. Corpo de estudante universitário é encontrado dentro de mala no lago Paranoá. Não, porra. O cara deve ser polícia mesmo, tá fazendo um bico. Se for a pistola mesmo que eu vi, é aquelas de uso restrito, só polícia e milico que têm. O cara tá pensando que pode ser assaltado e foi dar uma olhada na arma. Normal. Você vai chegar em casa e vai ver como era tudo paranoia sua, vai contar pros outros no bar, já contei da vez que eu achei que ia ser sequestrado?

E também, se não for esse carro não vai ter outro. Periga a bateria acabar. Tinha um vídeo de um cara do Bope que o cara dizia que, se tivesse algo estranho, o negócio é sentar atrás do motorista. Aí se você perceber que o cara quer mesmo te pegar, dá pra fazer alguma coisa, enforçar ele com o cinto. Com a faca, então, você corta de fora a fora, pega a jugular. O homem mostrou, são dois segundos pra você passar a faca, não dá nem tempo dele reagir.

— Wesley?

— Isso.

Tá bem. Tá tudo certo. Será que o vagabundo do Lucas já dormiu.

amig opf me resp

Acabou a bateria. Caralho. Se eu continuar no celular pelo menos ele acha que eu tou falando com alguém. Caralho. O cara tá colocando podcast de gente desaparecida. Tipo toy box killer. Tipo olha aqui seu merda, daqui a alguns anos seus pais vão dar entrevista desse jeito, era um menino tão bom, cheio de luz, a vida pela frente. Tou vendo a fumacinha saindo do ar condicionado, então é esse o plano dele mesmo, vou sufocar. Puta merda, o canivete tá no bolso esquerdo, short apertado do caralho, tenho que pegar antes dele alcançar a arma. Dois segundos.

projeto gráfico por lenio carneiro jr.